Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso**

Director **A. Ruella Ramos**

ANO 55.º/18 941 4$00

SEXTA-FEIRA 2 JANEIRO 1976

REGRESSA A VIOLÊNCIA

• Três mortos em Custóias • Confrontações em Caxias

PORTO, 2 — Três mortos e sete feridos foi o balanço trágico dos incidentes ontem verificados em Custóias, ao fim da tarde do primeiro dia do ano, tradicionalmente comemorado como o «Dia Mundial da Paz».

A manifestação, a maior de todas as que até à data ali se verificaram em apoio e solidariedade para com os militares e civis antifascistas detidos na cadeia, e que reuniu, num cálculo mesmo pessimista, mais de vinte mil pessoas, decorreu inicialmente em ambiente de perfeita ordem. O grande número de crianças e mesmo de bebés ao colo dos seus familiares ali presentes, dava perfeita noção de que as intenções de todos os manifestantes eram o simples apoio aos detidos no primeiro dia do ano.

Continua na pág. 6

• Costa Gomes: "É fundamental que a paz volte aos espíritos"

Na sua mensagem de Ano Novo o Presidente da República apelou veementemente à concórdia, à paz e ao trabalho. (Pág. 4)

Caxias, primeiro dia do ano: «comandos» investem sobre os manifestantes à coronhada. Sobre a imagem diríamos que é negativa. Sobre o que ela eventualmente prenuncia de desrespeito aos direitos fundamentais da pessoa humana falta-nos obviamente um qualificativo.

16 PÁGINAS

DL QUE É ISTO?

A actuação da G.N.R. em Custóias chocou profundamente todos os portugueses que, a partir de agora, passam a interrogar-se sobre o que lhes vai trazer o novo ano de 1976.

É que não há nada de «novo» nos métodos exibidos por aquela corporação de triste memória e de ressuscitada presença. Ela aí esteve, em Custóias, a lembrar o passado que julgávamos vencido. Pronta ao sangue, como dantes. Vingando recalcamentos. Pondo o cravo negro na boca das armas, que desta vez, matam em nome da democracia e que antes mataram Catarina Eufémia em nome da ordem e do trabalho.

Vai haver inquéritos? Claro, vai haver inquéritos, mas já houve mortes. Mortes que, talvez à maneira antiga, se confirmem lamentáveis mas necessárias...

Abrimos o novo ano sob o signo da repressão e do alarme. Para todos nós, o Ano Terceiro da Revolução, a vida principia voltada para o cárcere e para o horizonte da austeridade e da violência. Embora este ou aquele membro do Governo nos garantam salvaguardados os valores essenciais da democracia e da liberdade sofremos e inquietamo-nos com os sinais contrários que o dia-a-dia nos traz e com a alvorada reaccionária que ele vai acumulando.

1975 fechou com um aumento inevitável do custo de vida mas que feito como foi, em bloco e tão violentamente, ameaça provocar a escalada reivindicativa e acentuar a instabilidade no trabalho — favorecer portanto as direitas. Paralelamente, no balanço do ano, registam-se fugas de «pides» e de magnatas do passado, praticadas em impunidade, e uma rebelião militar, violentamente reprimida e investigada em todos os mínimos pontos de interesse — uma revolta considerada contra-revolucionária de que não resultou um único detido das forças da Reacção, do E.L.P. ou do M.D.L.P.... E isto intriga, forçosamente que intriga.

Finalmente, veio a noite de S. Silvestre, em Custóias e em Caxias. Com tiros ou com demonstrações de violência bem significativas de uma passagem de sentido repressivo para uma etapa de conflito aberto. Onde está o nosso futuro imediato? — perguntamo-nos agora.

Nas palavras do Presidente Costa Gomes ou no rosto agressivo de alguns dos actuais governantes? Na voz livre que ganhámos ou no silêncio ditado pela boca das armas?

Nacional

Aprovado o Orçamento Geral do Estado para 1976

Um "deficit" de 34,8 milhões de contos com a tónica na expansão da economia

Reunido anteontem em S. Bento sob a presidência do chefe do Estado, como é habitual neste caso, o Conselho de Ministros analisou o projecto de Orçamento Geral do Estado para 1976 e o diploma que o aprova. Além do Primeiro-Ministro Pinheiro de Azevedo e da generalidade dos membros do seu gabinete, estiveram presentes nos trabalhos alguns secretários de Estado.

Após exposições introdutórias do ministro das Finanças e do secretário de Estado do Planeamento e do Orçamento, intervieram outros ministros e secretários de Estado. A reunião terminou com a lógica aprovação dos dois supracitados documentos.

Numa síntese rápida sublinhe-se que a formação do «deficit» orçamental para o ano em curso atinge os 34,8 milhões de contos, que hão-de contrastar-se com os 32,4 milhões previstos para o termo de 1975. Mas — entende o VI Governo — estamos aqui perante um «deficit» que se crê real, ao contrário do acontecido no ano findo, em que a estimativa veio a ser ultrapassada de modo volumoso: o «deficit» real foi o dobro do previsto.

É posta agora tónica (diríamos: toda a tónica) na expansão da Economia, o que já se adivinhava nas medidas recentemente decretadas por diplomas provenientes do Ministério das Finanças, quais fossem o abaixamento de um por cento da taxa de desconto do Banco de Portugal e outras com ele conotados.

Para que a Economia portuguesa se expanda, porém, a austeridade será palavra de ordem. Não o escamoteia o relato oficial do Conselho de Ministros divulgado através do Palácio Foz, o qual passamos a transcrever:

«1. O orçamento autodefine-se como um instrumento decisivo da intervenção que urge promover com o objectivo de corrigir os desequilíbrios económicos fundamentais que o País enfrenta.

Parte-se de uma realidade conjuntural recessiva, um desemprego elevado e capacidade não utilizada, devida, em grande parte, a uma quebra de alguns componentes da procura, nomeadamente o investimento e as exportações.

E como não é de esperar que o sector privado, a curto prazo e de forma autónoma, aumente significativamente as despesas de investimento, impõe-se uma acção decidida da parte do Estado no lançamento de um vasto programa de investimentos públicos, estimulante, além do mais, da recuperação do sector privado.

É assim que o nível das despesas de desenvolvimento económico previsto para 1976 representa um acréscimo de cerca de 90 por cento em relação às de 1975, enquanto que é apenas de 17 por cento o das despesas ordinárias.

Aquele propósito de desenvolvimento explica, em grande parte, a formação do «deficit» orçamental fixado para 1976, que deverá atingir um nível de 34 800 000 contos, ultrapassando assim, ainda que em montante pouco significativo, o de 32 400 000 que deverá registar-se no ano que finda.

Trata-se de opção consciente por uma política que visa forte efeito expansionista na nossa economia, pelo que o seu valor, correspondente a menos de 80 por cento do produto nacional, não poderá considerar-se excessivo nas actuais circunstâncias. Encontra, aliás, paralelo em outros países porventura não tão fustigados pelo impacto da crise económica mundial.

Existe, contudo, a fundada expectativa de que o «deficit» previsional de 1976 venha a ser um «deficit» real, ao contrário do que aconteceu com o previsto para 1975, que viria a atingir praticamente o dobro do que foi estimado. Contribuíram para este resultado despesas excepcionais com o retorno de nacionais das ex-colónias, do quadro de adidos e de muito significativas correcções salariais no âmbito do Funcionalismo Público, todas elas sem cobertura orçamentada. De resto, o montante total das despesas orçamentadas para 1976 aumenta apenas em 5 por cento, o que, com ser normal na sequência da preocupação de não limitar o funcionamento do aparelho de Estado, realça o significado do referido acréscimo de 90 por cento das despesas ligadas ao desenvolvimento económico.

Paralelamente as receitas não têm vindo a acompanhar as despesas, pelo que houve que agravar a carga fiscal através das medidas que foram recentemente anunciadas. Essa política de austeridade, acompanhando aumento de alguns preços, encontra aqui a sua plena e positiva justificação. Representa, no seu conjunto, um sacrifício inevitável que se pede ao País para evitar uma escalada para sacrifícios mais amplos e quiçá irreversíveis. Esses aumentos não devem ser considerados como um fim em si mesmos, ou como mera consequência de abstractas preocupações com a estabilidade da moeda, mas como estímulo ao investimento de um factor de animação económica.

Só assim poderíamos fazer face, dentro das nossas possibilidades, à situação de desemprego de milhares de portugueses. A austeridade, para uns, surge assim como condição necessária da superação das dificuldades de muitos critérios. A política orçamental do VI Governo aposta na expansão. Não será, de imediato, uma política que recusa popularidade, mas preferiu-se a eficiência à demagogia. O Governo, indiferente às especulações sobre os inevitáveis sacrifícios que pede ao País, procede como entende que deve, e confia em que mesmo os mais sacrificados acabarão por compreender que lhe não restava outro caminho.

Em breve síntese as despesas estimadas atingem a cifra redonda de 105 milhões de contos, contra receitas previsionais de apenas 70 milhões. O correspondente «deficit» terá, pois, de ser coberto através da utilização de recursos provenientes da emissão de empréstimos públicos internos e externos.

RECEITA

«2. Na decomposição da receita verifica-se que os impostos directos contribuem com cerca de 20 milhões de contos, os impostos indirectos, com cerca de 29 milhões e as restantes receitas ordinárias, excluídas as contas de ordem, em cerca de 5 milhões. As receitas ordinárias totais aumentam a uma taxa da ordem dos 23 por cento em relação às cobranças de 1975, em grande parte devidas às medidas fiscais recentemente decretadas. O peso relativo dos impostos indirectos em relação aos directos — em si o mal, já que aqueles impostos são, fiscalmente, os mais injustos — é outra fatalidade, esta decorrente da generalidade da crise de produtividade e rendimento. Cabe aqui um apelo a uma esforçada participação dos trabalhadores no esforço da recuperação económica e também uma tomada de consciência de que, quando com frequência se fala nos sectores mais desfavorecidos da população, à cabeça deles figura, como preocupação prioritária, o sector dos sem emprego. Não se há-de estranhar, pois, que os esforços do Governo se dirijam prioritariamente contra o fenómeno do desemprego, sendo que o êxito possível, neste domínio, passa uma vez mais pelo investimento».

DESPESAS

«3. Na decomposição das despesas eleva-se a 39 milhões de contos o valor das despesas extraordinárias, bastante superior ao que figurava no orçamento anterior. Verifica-se uma assinalável melhoria na composição da despesa extraordinária, traduzida na nítida subida da participação relativa das dotações destinadas ao desenvolvimento económico.

Os encargos extraordinários de despesa, que em resultado da política de descolonização já em 1975 acusaram uma significativa contracção, descem, no presente orçamento, para um nível apreciavelmente mais reduzido. Prevê-se uma nova e significativa redução no próximo ano, bem como das despesas ligadas à descolonização e à cooperação com os novos Estados de expressão portuguesa, após os volumosos encargos que houve necessidade de satisfazer no decurso de 1975, mediante reforços das dotações orçamentais. Começa assim a clarificar-se, em termos de contabilidade pública, a face positiva da política de descolonização e de paz, mau grado a tendência tão frequente para se sobrestimarem os aspectos negativos que não foi possível evitar, de entre os quais avulta o drama dos retornados.

Bastará que se realce que os encargos extraordinários com a defesa e segurança a realizar durante a gerência de 1976 aparecem estimados em cerca de 2 milhões de contos, contra 9 milhões em 1975. Atingem, por outro lado, mais de 22 milhões de contos as dotações para a execução, em 1976, do Programa de Investimentos do Plano, a financiar através do Orçamento Geral do Estado. Assim se procura compensar a acentuada quebra de ritmo do investimento privado.

Contribuintes mais assinaláveis para a referida verba de 22 milhões de contos são as seguintes dotações: cerca de 2,2 milhões para a Agricultura e Pescas; 12,6 milhões para o Equipamento Social; 2,4 milhões para Transportes e Comunicações; 2,2 milhões para a Educação e Investigação Científica. Atendeu-se, pois, à necessidade de prosseguir com a Reforma Agrária e a expansão do sector do Ensino e de travar a crise da Construção Civil, dado o efeito económico multiplicador das realizações deste sector.

Houve ainda a preocupação de seleccionar os investimentos a realizar em 1976 que mais podem contribuir para a criação de novos postos de emprego e para o crescimento do produto nacional, sem deixar de salvaguardar a continuidade dos empreendimentos em curso.

Merecem, a este propósito, justo realce as dotações de 7,9 milhões de contos para o sector da Habitação e Urbanismo, dos quais 5,3 milhões para a construção de habitações; 4 milhões para Transportes e Comunicações, dos quais 1,7 milhões para a construção e reparação de estradas; 1,2 milhões para a modernização e equipamento da rede ferroviária e 0,5 milhões para as infra-estruturas portuárias.

As dotações destinadas ao sector da Agricultura, Silvicultura e Pecuária atingem 2,6 milhões de contos, sobressaindo as verbas destinadas a obras de Hidráulica Agrícola (0,8 milhões de contos) e a empreendimentos relacionados com o prosseguimento da Reforma Agrária (0,8 milhões de contos).

A verba de despesa inscrita no sector da Indústria e Energia (0,5 milhões de contos) corresponde, em grande parte, à execução de obras de Electrificação Rural no Continente e Ilhas Adjacentes e à instalação de Parques Industriais.

No sector da Educação, cujas dotações globais ascendem a 3,4 milhões de contos, merecem especial referência a construção e apetrechamento de edifícios escolares, com 2,4 milhões de contos.

No sector da Saúde as despesas a realizar totalizam cerca de 1,2 milhões de contos, correspondendo 0,65 milhões de contos ao investimento de Construções Hospitalares.

No âmbito da Política Regional, que se cuida de dinamizar, surgem 0,3 milhões para o desenvolvimento da Região do Algarve e 0,9 milhões para a concretização do Pólo Urbano Industrial de Sines.

O necessário aumento do capital de algumas empresas do sector público aparece contemplado com uma dotação de 3 milhões de contos. Trata-se de um primeiro passo para a criação de um Fundo Nacional de Desenvolvimento, destinado a constituir uma peça fundamental para a organização financeira do sector público produtivo.

Com vista à concessão de subsídios a Autarquias Locais para obras e equipamentos, inscreveram-se no M.A.I. dotações no valor de 2,2 milhões de contos, dos quais 0,2 destinados a Corpos Administrativos das Ilhas Adjacentes».

«UM QUADRO REALISTA»

«4. Sem a preocupação de ultrapassar o âmbito de um breve sumário indicativo, dir-se-á, no entanto, que a previsão das receitas e das despesas, e do consequente «deficit», contidos no Orçamento Geral do Estado para 1976, foram realizados com a preocupação de apresentar um quadro realista e não deformado, sem verbas artificialmente subavaliadas e outras práticas correntes antes de 25 de Abril de 1974. As previsões feitas encontram-se ajustadas às possibilidades e necessidades do aparelho de Estado e o saldo é expressivo o bastante para fundamentar a esperança de que a execução orçamental não venha alterar significativamente, como aconteceu em 1975, os montantes agora orçamentados. Para esse efeito faz-se mister que o sector privado assegure o equilíbrio das suas próprias unidades empresariais, sem recorrer a constantes balões de oxigénio em forma de subsídios não reembolsáveis nem produtíveis, como aconteceu no decurso do exercício que finda.

Foi assim aprovado um Orçamento realista, verdadeiro e corajoso o bastante para constituir um instrumento eficaz de intervenção económica na actual conjuntura de crise».

Liceus reabrem na segunda-feira

As aulas nos liceus reabrem na próxima segunda-feira, depois de um primeiro período sem classificações e com muitas escolas ainda sem funcionarem. Também durante todo o mês corrente estarão colocados docentes nas escolas que ainda não têm professores.

Atrasos verificados no arranque do ano lectivo devem-se na versão dos responsáveis do M.E.I.C., ao incêndio verificado nas instalações da Comissão Central de Colocações. Por outro lado, é convicção do M.E.I.C. de que finalmente o 7.º ano de escolaridade (1.º unificado do secundário) possa funcionar em pleno, já devidamente apetrechados os liceus com as oficinas necessárias para as aulas práticas que fazem parte daquele ano experimental.

LUTA DE PROFESSORES À MARGEM DO SINDICATO

Uma «Comissão Distrital de Lisboa» considera o actual processo de colocações como uma vitória obtida não só sobre o M.E.I.C. como também sobre a C.D.P. (Comissão Directiva Provisória do Sindicato dos Professores da Zona da Grande Lisboa).

A C.D.P. é acusada de desbaratar «o dinheiro dos professores com publicidade de meia página na Imprensa» e de exercer pressões «no sentido de impedir que os professores preencham os impressos necessários à sua colocação».

Apelam para que os professores entreguem e preencham os impressos nas suas escolas e se apresentam ao serviço no próximo dia 6 de Janeiro.

Para os professores que são colocados nesta fase, haverá na segunda-feira, dia 5 de Janeiro, no G.E.P. (Gabinete de Estudos e Planeamento) uma reunião para serem dadas todas as informações decorrentes deste processo.

ALFABETIZAÇÃO NO BARREIRO

Utilizando o método Paulo Freire, vai começar ainda este mês, no concelho do Barreiro, uma campanha de alfabetização, orientada por cerca de meia centena de monitores que foram ensinadas na pró-U.N.E.P.

A iniciativa conta já com o apoio da Junta de Freguesia e das diversas comissões de bairro. O I.N.A.T.E.L. contribuiu com a soma de 7500$00.

Recorda-se já estar em marcha no Lavradio uma iniciativa semelhante.

AULAS EM CARCAVELOS

A Escola Secundária de Carcavelos, antigo Colégio dos Maristas, está nesta altura ocupada por retornados de Angola, tendo no entanto o M.E.I.C. posto já à disposição das famílias ali alojadas, cinco pousadas da juventude pertencentes a este Ministério.

A respectiva mudança está a cargo do I.A.R.N.

Entretanto, o M.E.I.C. decidiu que as aulas nas escolas só começarão no dia 5 se esta estiver desocupada. Esta decisão recebeu o apoio dos professores e encarregados de educação da Escola Secundária de Carcavelos.

TÉCNICO DE PUBLICIDADE

PRECISA-SE

Para jornal diário, com muito boas qualidades profissionais.

Resposta com referências pessoais a este jornal ao n.º 1622.

URGENTE

Cachorro pêlo de arame preto e branco perdeu-se. Companhia criança gravemente doente. Dá-se mil escudos.
R. Entrecampos, 27-2.º F. Tel. 766658

Em ÁGUEDA, o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na Agência Conde — Rua Luís de Camões

post scriptum

Irregularidades no abastecimento de gás butano

No «DL» de 27 do corrente queixou-se muito justamente o sr. Rogério Tavares do fecho injustificado das lojas durante tantos dias. Na mesma ordem de ideias, venho referir um caso da maior gravidade — o abastecimento de gás às zonas onde ele não é distribuído pela rede de distribuição de gás que cobre parte da cidade de Lisboa.

Por razões que não foram divulgadas, o abastecimento de gás butano esmoreceu nas últimas semanas ao ponto de muitos consumidores se verem privados daquele combustível para cozinharem e se aquecerem. E agora os distribuidores põem em dúvida a possibilidade de qualquer distribuição antes da próxima semana, o que, a verificar-se, revelará um grau de irresponsabilidade na gestão de um serviço público de primeira necessidade, de todo inaceitável. Uma coisa é a satisfação das justas reivindicações dos trabalhadores e outra é a manutenção dos serviços públicos de primeira necessidade como a água, a electricidade e o gás.

F. Barreiros Marques — Lisboa

Não à emigração

Acompanhei ponto por ponto a análise à emigração do sr. dr. Rui Machete, na RTP. Confesso que fiquei perplexo. Antes de mais, começo por dizer que infelizmente a força das circunstâncias me obrigou a ausentar 11 anos deste país, tendo trabalhado em várias nações da Europa Ocidental. Após o 25 de Abril de 1974 regressei á pátria com vários objectivos, entre eles o de mais uma vez não me poupar a esforços para levar por diante a nossa jovem democracia rumo ao socialismo, para que milhares de camaradas regressassem à pátria. Hoje, como é do conhecimento de todos, regressaram à metropole milhares de portugueses das colónias, instalando-se em luxuosos hotéis, enquanto que mais de 70 por cento dos emigrantes portugueses em França vivem nas mais bárbaras condições humanas, ou seja, em barracas. Mas quem lá vive sai de manhã e entra à noite, deixando milhares de crianças á mercê de si mesmas, aquecendo-se com a sopa que a mãe lhes deixa, provocando muitas vezes incêndios nas barracas. Depois de um desses incêndios foram essas famílias viver numa sala de festas que o maire de S. Denis lhes concedeu por generosidade, dormindo homens, mulheres e crianças em comum, até terem reconstruido as barracas.

Eu pergunto: esqueceu o sr. secretário da Emigração tais factos, tais dramas, para estar a canalizar de novo outros portugueses para a mesma situação? A determinado passo diz o sr. secretário da Emigração que as divisas dos emigrantes não foram bem canalizadas e continuam a não sê-lo. O sr. dr. não pode e não deve esquecer que as divisas dos emigrantes são ganhas com o suor, com o sangue e têm que ser investidas na criação de novos postos de trabalho, de modo que eles possam regressar à terra onde nasceram e não estejam a pagar as dormidas e estadas em luxuosos hotéis aos que nunca souberam o que é passar privações, enquanto eles, emigrantes, dormem em barracas.

Ventura de Jesus Guerreiro — Lisboa

São estas as condições de Mário Soares?

Daqui por algum tempo intuiremos se o processo português, que já não é revolucionário, é positivo ou negativo. Chegámos à expectativa. Mas expectativa porquê ? Há frequentes passeatas em «chaimites»; glorificam-se os «comandos» e denigrem-se as forças militares progressistas; metem-se revolucionários na prisão e afastam-se outros; suspendem-se jornais, e direcções e redacções, e saneiam-se jornalistas; assaltam-se cooperativas com a desculpa de procurar armas; o Tenreiro «foge» misteriosamente; solta-se o Silva Cunha e oferece-se de bandeja a liberdade a Kaúlza de Arriaga; silencia-se o R.C.P.; e Rádio e a TV são hoje actividades que se arrastam numa mediocridade dramática que, como diz o Castrim, lembram o 24 de Abril; o C.D.S. escolhe Rio Maior como ponta de lança da reacção nacional (e o povo de Rio Maior embarca na manobra); Galvão de Melo sugere que se atirem os comunistas ao mar, etc. Infelizmente os exemplos não acabam.

Todavia o dr. Mário Soares afirma por esse mundo de Cristo que agora é que estão criadas as condições. Condições para quê? Para quem?

A.F.Moniz Rebelo — Covilhã

Olhos postos no Brasil

Houve muita semelhança do golpe de 25 de Novembro, com o golpe que precedeu o fascismo no Brasil. No Brasil, também os sargentos apoiavam Jango Goulart, havia organizações de soldados e marinheiros revolucionários, e até existia um almirante vermelho — um tal Aragão. A Imprensa fazia um alarde tremendo. Os elementos do Exército mais à direita alarmaram-se e deram um golpe fascista. Na hora decisiva essa esquerda revolucionária, os marinheiros e soldados, o almirante vermelho, esfumaram-se como por encanto.

É tal a semelhança do que sucedeu no Brasil com o que acontece agora em Portugal, que penso, e estou certo disso, que a C. I. A. organizou um plano magistral, com a conivência consciente ou inconsciente de alguns militares portugueses, tal como no Brasil.

Fernando Cruz Pereira — Lisboa

CHILE DE UM ANO PARA O OUTRO

O JOGO DO ESCÁRNIO E DA MORTE

Um simples facto diz às vezes mais sobre uma situação histórica do que um discurso. Aconteceu isto mesmo com o desaparecimento a 30 de Julho de 74, em Santiago, do estudante Alphonse-René Chanfreau, filho de pai francês e de mãe chilena.

Não faltaram intervenções a seu favor e a opinião francesa já várias vezes foi alertada acerca dele. Desde o dia 14 de Agosto de 1974, que a Embaixada de França exprime oficialmente a sua preocupação. A 27 de Maio desse mesmo mês, o cardeal Marty e o presidente Courvoisier insistiam junto do Quai d'Orsay para que se actuasse activamente. Alphonse-René Chanfreau não estava, porém, presente, quando no princípio de Novembro o Governo Pinochet fez sair da prisão seis franceses. Sob a influência de Marette, que desde o início se ocupou do caso, a Assembleia Nacional suprimiu então os créditos de cooperação destinados ao Chile, enquanto não fossem libertados «todos» os franceses detidos. Em vão. Há quatro meses, a senhora Chanfreau e outras mulheres iniciaram uma greve da fome em Saint-Germain-des-Prés, a fim de chamar novamente as atenções das autoridades para o desaparecimento dos respectivos maridos. Por fim, ultimamente, um anexo do seu relatório à Assembleia Nacional sobre o orçamento dos negócios estrangeiros, Marette fazia o ponto: o Chile não dá ao Governo francês qualquer informação sobre Alphonse-René Chaufreau.

Não há ninguém, quaisquer que sejam as suas opiniões — insisto neste ponto — que não reprove como insidiosa a angústia em que uma família é mantida.

O que pedimos corresponde às simples exigências dos direitos do homem. Onde está preso Alphonse-René Chaufreau? Quando decorrerá o seu processo? Com que garantias? Se já foi condenado, em que condições? A que pena? Onde a cumprirá? Mais sumariamente: ainda estará vivo ou já terá sido executado?

A todas as perguntas públicas ou privadas, o Governo chileno só opôs até hoje uma resposta, para nós desesperadamente igual tão categórica que corta a respiração: **Não sabemos nada do senhor Chanfreau. Esse senhor nunca foi preso e o seu nome não figura em nenhum dos registos das nossas prisões.**

O subterfúgio oficial é engenhoso e o inquérito estagna inevitavelmente no ponto zero.

A sua premeditação agrava, porém, o ardil. Que esconde ele? Por que aplicar um tal sitema a Chanfreau? E através dele à mulher, aos pais, aos companheiros, a todos os que legitimamente se preocupam com a sua sorte? Tudo se passa como se o tivessem escolhido para realizar, fora de todo o controle, uma vingança cínica e arrogante.

Raramente o jogo do escárnio e da morte se exibiu com tamanha desenvoltura. Não podemos imaginar sem horror o homem de Estado confortavelmente instalado no seu fauteille e que responde com impassível desprezo aos visitantes. Mesmo contra vontade imagino o franzir dos lábios, o olhar cintilante, a falsa inocência dos gestos. **Como vêem, não tenho nada nas mãos.**

Perante esta sinistra e obstinada comédia do poder, receamos o pior. A alma humana estremece como nos momentos mais sombrios: a «cena» política internacional, apesar de tantos exemplos nefastos tanto a leste como a oeste, contaria com mais alguns «actores» irredutíveis? Com «artistas» assustadores que nem mesmo precisam de subir ao palco, governam.

Como se compreende a reacção do cardeal Silva Henriquez, que, ao saber, no seu regresso de Roma, que esses estranhos «meninos de coro», depois de terem proibido as procissões tradicionais, se dispunham a assistir oficialmente e na sua totalidade à festa da Imaculada Conceição, decidiu, de acordo com o episcopado chileno, suprimir a missa de Maipu!

Dirigi-me no dia 15 de Abril de 1975 à Embaixada do Chile, a fim de saber notícias de Chanfreau. O encarregado de negócios Tomas Vasquez, embaixador interino, recebeu-me, acompanhado por um jovem **altergo.** Quem tivesse encontrado na rua ou em casa de amigos, ignorando a sua função, esse sul-americano planturoso, de ar bonacheirão, esperaria tudo menos vê-lo colaborar na mistificação montada pelos seus chefes — em intenção de alguém. Mostrou-se-me quase tímido, porque a palavra de ordem devia estar ali, no cofre forte da Embaixada: **O senhor Chanfreau não está inscrito em nenhuma das nossas listas de detidos. Portanto não foi preso.** Só uma certa imprudência o fez acrescentar que a mulher de Chanfreau também não fora presa.

De regresso ao meu domicílio pessoal, tive o cuidado de transcrever as informações mais precisas para mandar um resumo ao embaixador interino, tal como lhe prometera.

Alphonse-René Chanfreau foi preso a 30 de Julho de 1974, às 23 horas, em sua casa, Escanilla 661, dept. 13 D, em Santiago. Sua mulher Erika foi levada com o filho de colo para casa de seus pais, na Rua Amalia Errazuriz 820, pelo inspector da DINA. A Polícia de Segurança iria lá buscá-la na manhã seguinte às 9 horas.

Erika foi transferida para uma casa incaracterística, como todas as polícias totalitárias as possuem, perto de uma igreja. Essa casa ficava na Calle Londres, 38. Imediatamente foi levada para uma sala comum onde se encontravam uns sessenta detidos, entre eles o marido. Os homens estavam de um lado e as mulheres do outro. Todos tinham os olhos tapados e estavam a ser vigiados por dois guardas.

Erika nunca foi pessoalmente interrogada mas foi nesse mesmo dia conduzida para outro local onde seria torturada na presença do marido, a quem a DINA se esforçava por fazer falar. Retiram-lhe as roupas, fixaram-lhes eléctrodos nos pulsos e infligiram-lhe durante cerca de duas horas uma série crescente de choques eléctricos. Este tratamento, a que acrescentaram alguns suplementos odiosos repetiu-se mais duas vezes. Quanto a Alphonse René, foi supliciado tão cruelmente que na sala comum lhe ouviam os gritos.

Erika pode dizer «adeus» ao marido sob a vigilância dos inspectores durante uns vinte minutos — sempre de olhos vendados, — três dias antes de ser encaminhada para Três Alamos, pavilhão de mulheres n.º 1, onde estava reunida uma centena de prisioneiras. Isto aconteceu no dia 13 de Agosto. Foi libertada a 7 de Novembro — sempre sem interrogatório nem julgamento — por intervenção do Governo francês. Em seguida partiu para Paris onde se refugiou com o filho. Desde essa altura não obteve mais nenhuma notícia oficial. A última coisa que recorda são as últimas palavras de um homem corajoso e esmagado — é a palavra certa visto que lhe faziam passar os pneus de um carro sobre os joelhos.

UMA PARÓDIA TERRÍVEL

Em próprio ouvi outra ex-detida que também mora em Paris. Presa a 28 de Julho, igualmente transferida para a Calle Londres 38, soube da prisão de Alphonse-René Chanfreau por ouvir a polícia chamá-lo diariamente. De resto, também

Continua na pág. 14

Etapas do diálogo para a nova ordem mundial

O ano de 1975 terminou com a adopção pela ONU de uma «Carta dos direitos e deveres económicos dos Estados», que a França se absteve de votar. A 24 de Outubro, o presidente Giscard d'Estaing propusera uma conferência sobre a energia que reuniria em Paris os países industrializados, os países petrolíferos e os países em vias de desenvolvimento não produtores de petróleo. Essa fórmula, implicitamente trilateral, seria rejeitada pelos países da OPEP e pelos outros países em vias de desenvolvimento.

Num contexto de recessão económica, as conferências internacionais sucedem-se durante a Primavera de 1975. O diálogo ameaça transformar-se em ataque frontal. Por um lado, os países subdesenvolvidos elaboram a sua estratégia: em Alger (24-26 de Janeiro), a OPEP pede para a conferência proposta por Giscard tratar de todas as matérias-primas; em Dakar, no mês de Fevereiro, os «países não-alinhados» concordam com essa ideia; a 20 de Março, após a conferência de Cuba, Fidel Castro apela para a solidariedade de todos os países do Terceiro Mundo.

Por seu lado, os países industrializados ocidentais, reagrupados (à excepção da França) no seio da Agência Internacional da Energia, realizam um programa de repartição dos abastecimentos petrolíferos, em caso de nova guerra do petróleo. Para mais, a A.I.E. interessa-se pelas novas fontes de energia.

A Conferência da Organização das Nações Unidas para o desenvolvimento Industrial (ONUDI) termina em Lima, a 27 de Março, sem que os dois campos tenham modificado em nada a sua posição. Os países subdesenvolvidos exigem que seja posto fim à degradação dos termos do comércio e que se lhes reconheça o direito de dispor das suas matérias-primas por nacionalização. Os Estados Unidos votam de novo contra a «carta» e contra a «declaração e o programa de acção» definidos e sustentados em bloco pelo «grupo dos setenta e sete».

Em Abril espera-se que as posições se aproximem, por ocasião da primeira reunião preparatória para o diálogo Norte-Sul, que se realiza de 7 a 14, a convite do presidente Giscard. Mas esse encontro termina por um fiasco, visto os Estados Unidos e o Japão só quererem tratar problemas de energia.

O Verão de 1975 marca uma viragem. Por um lado, os países não-alinhados renunciam a exigir a exclusão de Israel da ONU, e, por outro lado, Kissinger abre a 1 de Setembro a sétima sessão especial da ONU com um discurso conciliatório no qual propõe «estabilizar o conjunto das receitas de exportação» dos países do Terceiro Mundo.

A abertura estava iniciada, e a segunda reunião preparatória, chamada «Kléber 2». (13 a 16 de Outubro) abre caminho para o diálogo Norte-Sul. Combinou-se que uma **conferência sobre a cooperação económica internacional** reuniria a 16 de Dezembro, em Paris, os representantes de vinte e sete países (oito industrializados, dezanove em vias de desenvolvimento).

Até à reunião do Conselho europeu, em Roma, em princípios de Dezembro, receou-se que o projecto de conferência fosse adiado ou mesmo comprometido devido ao desejo de a Grã-Bretanha obter uma representação separada. Ela renuncia por fim a tal desejo e a conferência abre a 16 de Dezembro.

Criando quatro comissões especializadas que se reunirão em Fevereiro.

© Le Monde

Nacional

Mensagem de Ano Novo de Costa Gomes

Pagaremos em 1976 o preço da mudança

Os tempos difíceis que o povo português enfrenta, e que se traduziram já no agravamento do custo de vida, foram abordados na mensagem de Ano Novo que o presidente da República, general Costa Gomes, dirigiu ao País no primeiro dia do ano de 1976.

Falando aos portugueses, o Chefe do Estado referiu que consumimos a produção e as reservas e que só uma política de austeridade poderá levar-nos ao equilíbrio económico.

No balanço de 1975, Costa Gomes referiu as novas relações diplomáticas, os laços de amizade com as ex-colónias, como pontos positivos da evolução do processo português.

Para 1976 o presidente da República prevê — tal como o Primeiro-Ministro na sua mensagem de Natal — que são árduos os tempos que se avizinham, e que de todos nós exigirão esforços e sacrifícios. Pagaremos neste novo ano o preço da mudança.

Eis o texto da mensagem:

«Portugueses:

No início desta ano de 1976 sinto ser meu dever comunicar-vos as principais preocupações que a Chefia da Nação, que me foi confiada, necessariamente envolve.

Volvido um ano tão fértil em significado político, é tempo de fazer um breve ponto da situação e de procurar uma enquadrante para as grandes linhas de orientação da actividade governativa.

Não foi fácil a acção governativa ao longo de todo o ano de 1975 ano conturbabo em que os acontecimentos políticos gerados traduziram quer a concorrência das forças em confronto, quer a instabilidade típica de um povo há gerações arredado da vivência e empenhamento em tais fenómenos.

A destruição de antigas estruturas, inaceitáveis umas, ancilosadas outras, tem sido tarefa que inevitavelmente conduziu a uma determinada desarticulação que, um pouco por toda a parte, tem afectado os organismos estatais e privados e tem gerado entre os portugueses situações de conflito, de divisão, e, em não raros casos, de angústia.

Como circunstâncias fundamentais, verificamos a desorganização da economia do País, sendo cada vez mais urgente a rápida equação das medidas e soluções que permitam aos portugueses encararem com esperança o dia de amanhã e a estagnação cultural que degrada dia-a-dia o nosso povo, negando-lhe a técnica e o progresso que só o estudo e preparação nos conferem.

Ao longo de quase dois anos de Revolução, nem sempre houve inteligência e argúcia para encontrar soluções ajustadas, nem coragem para decretar as medias de austeridade que a crise já instalada aconselhava.»

«GASTÁMOS O DE HOJE E O DE ONTEM»

São conhecidas de todos as dificuldades por que passamos. As reservas diminuem e nem sempre do exterior há a necessária compreensão para os nossos problemas. Durante longos anos se protestou e com razão que as nossa reservas eram excessivas e que não se faziam os investimentos necessários à criação de novos postos de trabalho.

Essa política criou raízes e simultanemanete gerou um aparelho estatal lento e moroso, o qual não foi reorganizado a tempo de as aproveitar do modo mais consentâneo com a situação de desemprego que se previa e que infelizmente enfrentamos. A sucessão de vários Governos Proviśrios, os conflitos políticos e determinadas práticas de assalto aos principais postos do aparelho administrativo, obstaram a que se executasse uma reorganização política e económica conveniente.

É necessário que fique claro, que gastamos neste percurso não só o produto do trabalho de hoje, como a poupança de ontem.

Tornou-se, portanto, indispensável estabelecer rapidamente um novo equilíbrio económico-financeiro, de modo a ser possível criar bases sólidas para a construção de uma sociedade democrática a caminho do socialismo.

Este equilíbrio que é, no fundo, exigido pelos nosos parceiros da comunidade internacional, qualquer que seja o bloco a que pertençam, pressupõe que os trabalhadores portugueses saibam assumir inequivocamente as suas responsabilidades, não pactuando com quimeras reivindicativas, quando não perigosamente irrealistas e demagógicas.

Nessa linha é necessário reflectir que a solidariedade internacional que procuramos, para nos recompormos, começa por construir-se dentro das nossas fronteiras. Acreditar que qualquer país esteja disposto a comprar os nossos produtos a preços mais elevados dos estabelecidos no mercado internacional, só porque nos pretende ajudar, é, para além de uma regra antieconómica, uma ilusão de graves consequências.

As medias de austeridade que serão postas em prática têm de se entender não só dentro do contexto de crise que há muito as vinha exigindo, mas de igual modo no sentido de uma reorientação de consumos mais consentânea com uma sociedade em que se pretende respeitar o ncessário e diminuir o supérfluo.»

OS DIREITOS E OS DEVERES

«É natural que a acelerada dinâmica que a nossa Revolução tem conhecido, leve a situações em que a definição dos direitos e deveres seja algo imprecisa, em que se manifeste uma certa indefinição de poderes, em que dificilmente se encontrem instituições eficientes no âmbito das quais os problemas tenham soluções apropriadas.

Tal não pode, no entanto, justificar os actos de caracterizada usurpação de direitos alheios, nomeadamente aqueles que resultam do desprezo pelas regras fundamentais do comportamento democrático e da tolerância em que se fundamenta a convivência humana. A alegria do 25 de Abril e o comportamento admirável de que o povo deu provas no acto eleitoral do ano findo exigem que tais excessos sejam eliminados.

As reivindicações impossíveis, bem como a incompreensão, se não, mesmo a má-fé patronal; As ocupações ilegais como sucedâneo impróprio de uma Reforma Agrária, do mesmo modo que a resistência de latifundiários, a quebra acentuada da produção, assim como as veladas formas de sabotagem económica, tudo são exemplo de fenómenos que, cada vez mais, se têm de evitar e sujeitar inequivocamente o integral cumprimento das leis que regulam a nossa vida em sociedade.

Sector sintomático — entre outros, infelizmentenumerosos, que poderiam nesta perspectiva ser apontado — é sem dúvida o da Informação. Não se há-de estranhar que, à saída de quase meio século de censura, e de súbito libertos, os órgãos de Informação tenham cometido alguns excessos, mais fruto de uma desaprendizagem processual, que de viciação profissional e ética.

Agora, mais conscientes dos riscos sociais desses excessos, parecem criadas as condições necessárias para que passemos a dispor de uma informação simultaneamente livre, responsável e verdadeiramente aberta a todas as correntes do pensamento, mas escrupulosamente fiel às exigências da verdade objectiva.»

RELAÇÕES COM AS EX-COLÓNIAS

«O profundo desejo de paz é sentimento que não cofinamos ao nosso espaço nacional, antes desejamos ver dilatado a todos os quadrantes do mundo. Julgo significativo o nosso contributo nesse sentido, fazendo nascer quatro novas nações em 1975 e terminando uma guerra longa de mais de treze anos. Depositamos as maiores espranças no desenvolvimento das relações em todos os campos com esses novos países de expressão portuguesa. A cooperação em áreas de interesse mútuo e dentro da melhor ética de relações entre estados soberanos é facto que desejamos intensamente ver concretizado e ao qual dedicamos todo o nosso carinho e atenção governativa.

Quiseram interesses alheios aos do povo angolano que à luta contra o anterior regime se seguissse outra batalha mais sangrenata e mais dolorosa, porque se desenvolveu entre irmãos. Esperamos sinceramente que, no mais breve período de tempo, seja possível o entendimento e unidade entre angolanos, para a ultrapassagem das horas amargas e dramáticas que estão vivendo.

O Povo Português assistiu e assiste às vicissitudes da descolonização de Timor e às privações por que passam as suas gentes. Território longínquo e desde sempre o mais difícil de apoiar por Portugal, veio ultimamente a ser cenário de lutas fratricidas e intervenção estrangeira. Esgotadas que foram as nossas capacidades, foi Portugal obrigado a recorrer à Organização das Nações Unidas, que não regateou o aval de compreensão e apoio para a nossa posição. E porque é pelo povo de Timor que continuamos a empenhar os nossos esforços, estamos decididos a apoiar e colaborar nas resoluções que por este organismo possam ser tomadas, com vista a garantir o inaliável direito do povo de Timor à sua autodeterminação. Esperando que o bom senso, o direito e a justiça prevaleçam sobre os interesses políticos, continuaremos a diligenciar, através das instâncias internacionais, a libertação das gentes de Timor e dos nossos militares injustificavelmente ali detidos.

Cabe aqui uma palavra especial para os portugueses que em precárias condições retornaram à sua pátria. Podem estar certos que tudo faremos para minorar os vossos sofrimentos, as vossas carências e dificuldades. A reconstrução do nosso País exige os esforços de todos os portugueses integrados na mesma sociedade. É neste sentido de rápida e completa integração que desenvolveremos as nossas acções. Contamos com a vossa boa vontade, espírito de sacrifício, capacidade de trabalho e o vosso patriotismo indefectível.»

«No plano internacional é nítido quão diferente se apresenta hoje o panorama das nossas relações. A imagem de um Portugal isolado por uma política obstinada, procuramos fazer suceder um espírito de maior abertura a todos os povos, fundada na liberdade e dignidade do homem, na oposição a todas as formas de discriminação, exploração e injustiça, e na observância aos princípios essenciais da convivência internacional. Defendemos a solução pacífica dos conflitos, a igualdade soberana entre Estados, o repúdio das ingerências externas nos destinos dos povos, o respeito dos sistemas sociais e dos regimes políticos das nações. É nosso profundo desejo a paz, e por isso nos preocupam as questões do desarmamento, a proliferação das armas nucleares, e saudamos a detente actual onde no entanto se vislumbra de novo o acumular de nuvens sombrias.

O ano de 1975 viu como uma das etapas no caminho do desanuviamento a assinatura dos acordos de Helsínquia, aos quais nos parece devermos dar o merecido relevo. Assinamos no solene acto de Helsínquia os acorddos finais consagrando pela primeira vez princípios reguladores das relações internacionais na Europa, formas de cooperação económica, cultural e científica e normas básicas a respeitar pelos Estados nas suas relações.

Não podemos esquecer que Portugal está situado na Europa, que aos países europeus nos ligam estreitas e seculares relações culturais e económicas, e que é muito importante a nossa emigração na Europa ocidental. Temos assim fundas relações de cooperação e amizade com a Comunidade Económica Europeia. Com a Europa do Leste restabelecemos e estreitámos as melhores relações de amizade nos campos político, económico e cultural. Parece-nos igualmente de lembrar que Portugal respeita os compromissos assumidos e os acordos internacionais que subscreveu.

Se o nosso papel histórico nunca pode ser desligado do espaço europeu a que pertencemos, a mesma posição atlântica leva-nos a recordar a nossa história de intermediários entre povos. Parece corresponder à nossa universalidade original a abertura aos países dos Terceiro Mundo que no decurso deste ano devemos fortalecer.

Além dos tradicioais laços de amizade com países da América Latina e da Ásia estabelecemos já sólidas relações com países não Alinhados, alguns dos quais foram particularmente influentes no processso de descolonização. Participamos como convidados na conferência de Lima dos países não alinhados onde tivemos oportunidade de estabelecer contactos que reputamos do maior interesse.

Ao fazer o balanço do ano de 1975, pode-se ainda lembrar que estivémos em Helsínquia para a assinatura final do acordo, que efectuámos diversas visitas a países amigos, à França, à Itália e ao Vaticano, e consagramos a normalização das relações com os países socialistas visitando igualmente a Roménia, a Polónia, a URSS e a Jugoslávia.

Podemos observar finalmente que neste ano a diplomacia portuguesa ganhou uma nova dimensão. Desejosos de relações amigáveis com todos os povos do mundo, subscrevendo os valores universais dos respeitos dos direitos humanos, da dignidade dos povos e da melhoria das condições de vida, de maior justiça social, inspirados no espírito democrático do 25 de Abril, alimentamos a esperança que possa ser uma realidade, a paz a que todos aspiramos.»

OS TEMPOS DIFÍCEIS

«Gostaria de poder anunciar-vos um Ano Novo liberto de profundas preocupações, mas tal não é, infelizmente, possível. São árduos os caminhos da paz e da liberdade, e cheios de escolhos e sacrifícios os caminhos da independência.

No entanto, é com esperança que devemos encarar os tempos que se avizinham.

Os trabalhaos da Assembleia Constituinte livremente eleita pelo povo, progridem e deles aguardamos que nasçam os instrumentos democráticos ligitimamente representativos da vontade popular. Poderão os portugueses através deles construir as leis por que hão-de reger-se, escolher os governantes que orientarão a Nação.

Mas para que tal venha a adquirir raízes profundas é fundamental que a paz volte aos espíritos, à fraternidade e à tolerância, sejam mais que palavrosa evocação de princípios democráticos, uma realidade edificada à custa de esforços construtivos.

A recuperação da economia e a revolução cultural vão exigir de todos os portugueses sacrifícios e esforços concretos. Desejamos que a vontade férrea dos nossos trabalhadores e estudantes de todas as actividades as torne possível e, dentro de algum tempo, nos sintamos orgulhosos por termos sabido encontrar o caminho certo para uma sociedade justa onde a dignidade do homem surja restituída à sua autêntica dimensão.

A Nação rejuvenescida após novecentos anos de uma história ímpar, assim no-lo exige.»

PUB

Sindicato dos Ajudantes e Praticantes de Despachante Oficial, Despachantes Privativos e Agentes Aduaneiros

CONVOCAÇÃO

Nos termos da alínea a) do Art.º 33.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral, para reunir em sessão extraordinária, no dia 6 de Janeiro de 1976, às 20 horas, na sala do Centro de Formação Profissional n.º 1, sito na Rua de Xabregas, n.º 48-52, em Lisboa, com a seguinte ordem de trabalhos:

Ponto 1 — Alteração ou ratificação da alínea b) do Art.º 59.º dos Estatutos;

Ponto 2 — Discussão e votação sobre a aplicação das verbas descritas na alínea b) do Art.º 59.º dos Estatutos.

Se à hora prevista não estiverem número legal de Sócios a Assembleia reunirá uma hora mais tarde em 2.ª convocatória com a mesma ordem de trabalhos, com qualquer número de sócios.

Lisboa, 19 de Dezembro de 1975.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral, em exercício,

João Marques Paula

Nacional

O autor de «A Cidade das Flores», traduzido lá fora, estudado em universidades, não tem dimensão própria para a «Vida Mundial» — alega a administração da Sociedade Nacional de Tipografia. Resultado: sai

Augusto Abelaira afastado da direcção da "Vida Mundial"

O escritor Augusto Abelaira foi afastado da direcção da revista «Vida Mundial» e o lugar vai ser ocupado pela escritora Natália Correia. Decisão superior, foi comunicada pela nova administração da S.N.T. na passada quarta-feira ao próprio Abelaira, que a seguir a deu a saber à redacção. Natália Correia ainda não entrou em exercício de funções, no entanto o seu nome é dado como certo. A saída da revista sob nova direcção está prevista para 15 do corrente.

A redacção da «V.M.» reuniu na emergência da situação criada e emitiu um comunicado dando conta ao público de três decisões tomadas: primeira, «não aceitar a substituição do director»; segunda, «repudiar veementemente a validade dos motivos apresentados»; terceira, «tomar as medidas que julgue convenientes, caso a administração da S.N.T. persista na sua decisão».

A segunda decisão da redacção reporta-se aos argumentos que a administração apresentou ao próprio Abelaira, a justificar a sua não confirmação: a linha política e ideológica que a revista vinha seguindo e a necessidade de confiar a direcção da publicação a uma pessoa «com prestígio nos meios intelectuais.»

A QUESTÃO DO PRESTÍGIO

«É insuportavelmente ridículo» — disse-nos um redactor da revista a propósito deste último argumento. Ele não deixa por certo de ser surpreendente. Da mesma opinião parece ser a redacção na generalidade quando diz, no seu texto, que tal argumento, «nem vale a pena considerá-lo». Solidarizaram-se com Abelaira os redactores Albertino Antunes, Alexandre Manuel, Fernando Antunes, Fernando Dil, Mário Bacalhau Miguel Serras Pereira e Luís de Miranda Rocha. O redactor Mário Bacalhau enviou a título individual, uma carta à administração invocando a sua qualidade de «técnico e consultor de investigação de opinião pública, de Marketing e de gestão» que foi em empresas, diz, «de reconhecida competência», a «lamentar» a decisão tomada e o procedimento utilizado.

Dizem-nos da redacção da «V.M.»: «A nossa posição é clara. Opomo-nos à substituição de Abelaira pelo evidente significado político de que isso se reveste, sobretudo se tivermos em conta o nome de quem o vem substituir».

A administração convocou a redacção para uma reunião esta tarde. Redacção da «V.M.»: «Se é para nos porem perante o facto consumado e apresentarem-nos a nova direcção, não tencionamos comparecer.»

«MULHER»

Por outro lado a revista «Mulher-Modas e Bordados» deverá ter à frente da sua direcção o nome de Etelvina Lopes de Almeida. Trata-se de um nome afecto ao Partido Socialista (Etelvina Lopes de Almeida é deputada por este partido à Assembleia Constituinte).

Vinte e dois suspensos no Rádio Clube Português

Por decisão da respectiva Comissão de Inquérito (militar) foram suspensos 22 trabalhadores do Rádio Clube Português, 10 dos quais pertencentes ao sector da Informação.

Eis a lista completa:

— Sector de Informação: Jaime Fernandes (da comissão administrativa), Rui Pedro, Alfredo Alvela, Manuel Bravo, Fernando Quinas, Eugénio Corte-Real, Mário Pereira, Júlio Isidro, Artur Albarran e Teresa Moutinho.

— Sector Técnico: Fernando Jorge (igualmente membro da comissão administrativa), Fernando Humberto, Franklin Rodrigues (que estava encarregado da Segurança no R. C. P.), Eduardo Jorge, José Ribeiro, Júlio César, Armando Pires e José Manuel Gonçalves.

— Sector Comercial: Dulce Mata e Maria Amélia (esposa do locutor Daurte Ferreira).

— E ainda as locutoras Maria Eufémia e Maria Helena d'Eça Leal.

Registe-se que, tal como aconteceu com as suspensões na Emissora Nacional, alguns dos elementos visados no R. C. P. nem sequer se encontravam nas instalações desta estação de Rádio no dia 25 de Novembro, nomeadamente Artur Albarran, ao tempo ausente em Moçambique. Tal facto sugere — como nos indicaram vários dos suspensos — que estas medidas estavam previstas já antes de 25 de Novembro, tendo os acontecimentos desse dia servido de mero pretexto.

Melo Antunes voltou do Iraque

Portas abertas para vasta cooperação

«Os objectivos que se propunham à delegação portuguesa, do nosso ponto de vista, foram conseguidos, mas esperamos que os acontecimentos venham a comprovar ou a desmentir as nossas opiniões» — salientou o ministro Melo Antunes à sua chegada a Lisboa, após uma viagem ao Iraque chefiando uma delegação portuguesa que naquele país efectuou negociações de grande alcance político e económico, saldadas para já pela criação dos instrumentos de natureza técnica e diplomática que permitirão incrementar as relações comerciais, técnicas e culturais com Bagdad.

Melo Antunes sublinhou que não foram estabelecidos acordos, «pois eles não se estabelecem em 24 horas, são preparados, e esta foi uma primeira missão para preparar todo o caminho que daqui para o futuro se abre em matéria de cooperação tendo sido dados os primeiros passos importantes para o estabelecimento de acordos».

Por sua vez o secretário de Estado da Energia e Minas, dr. Marques Videira, referiu que o Iraque tem um plano de desenvolvimento muitíssimo importante e, como não está ainda tecnologicamente muito evoluído, Portugal, que dispõe já de algumas tecnologias que podem interessar a esse país, poderá exportá-las, nomeadamente no domínio das barragens, irrigação, construção e reparação navais, e material de caminho-de-ferro, acrescentando que nestes domínios podemos fornecer serviços de engenharia e bens de equipamento.

O secretário de Estado do Comércio Externo afirmou que «do ponto de vista comercial as perspectivas agora abertas são francamente excelentes, não só no que toca a eventuais exportações de bens de consumo portugueses mas também de bens de equipamento e produtos industriais mais sofisticados», mas salientou que «temos agora de trabalhar e dar seguimento às potencialidades agora abertas».

O dr. Sousa Gomes, secretário de Estado dos Investimentos Públicos, considerou extremamente positiva a abertura iraquiana, salientando a grande responsabilidade que cabe agora ao sector produtivo nacional, nomeadamente ao sector onde o Estado hoje tem os seus investimentos feitos e onde lhe cabe a responsabilidade da iniciativa. «Isso vai exigir de facto uma resposta de nível, em qualidade e extensão, capaz de não comprometer, face às solicitações que vamos ter que responder, às nossas relações futuras com o mundo, que não é apenas representado pelo Iraque, o país mais progressista da área árabe neste momento, mas sim também uma vasta zona que comunga os mesmos interesses» — precisou.

Melo Antunes reforçaria este ponto de vista ao afirmar também que «de facto existe da parte portuguesa esboçada uma estratégia de aproximação com os países do mundo árabe, integrada numa estratégia mais global de diversificação das nossas relações. (...) Assim, estamos a concretizar aquela política de independência nacional que vários dirigentes portugueses têm anunciado». Acentuou por outro lado que nenhum dos esforços feitos do incremento da nossa actividade económica externa dará resultado se efectivamente não houver uma resposta adequada, tanto da parte do aparelho de Estado como do sector privado.

Por seu turno o brigadeiro Franco Charais, comandante da Região Militar do Centro, que se deslocou ao Iraque na qualidade de membro do Conselho da Revolução, elogiou o trabalho da delegação portuguesa e referiu também a necessidade de uma resposta «muito concreta, muito incisiva, muito coerente, não só dos técnicos como dos operários portugueses». Abordado sobre o papel do M.F.A. no futuro, o brigadeiro Charais salientou que o Movimento «não deve dissolver-se, antes deve manter-se, de uma forma suprapartidária, a fim de garantir as conquistas revolucionárias do povo português».

Melo Antunes no aeroporto, falando à Imprensa. O balanço da viagem a Bagdad é, para já, positivo

COMUNICADO CONJUNTO

No comunicado conjunto luso-iraquiano divulgado simultaneamente em Lisboa e em Bagdad as duas partes entendem que «nenhuma solução justa e duradoura poderá ser encontrada na região árabe sem a libertação total de todos os territórios árabes ocupados e o reconhecimento dos direitos do povo palestiniano à autodeterminação e à independência». Denunciam «a agressão perpetrada contra o povo palestiniano» e confirmam «o seu apoio à condenação pelas Nações Unidas, do sionismo como sendo uma forma de racismo».

O comunicado revela que representantes dos dois países se encontrarão brevemente em Lisboa com vista à elaboração de um acordo a longo prazo, relativo à cooperação bilateral nos domínios científico, industrial, técnico, económico e comercial, definindo temporariamente certos campos de cooperação nos sectores da engenharia, irrigação, construção naval, refinação de petróleo e indústrias petroquímicas.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

MAIS VANTAGENS PARA AS PEQUENAS ECONOMIAS

TAXAS PARA DEPÓSITOS **À ORDEM**

4%

DEPÓSITOS DE PARTICULARES **ATÉ 70 CONTOS**

2%

DEPÓSITOS DE PARTICULARES **ACIMA DE 70 CONTOS**

ESPIRAL

ESTAS TAXAS ESTÃO EM VIGOR NOS ESTABELECIMENTOS ESPECIAIS DE CRÉDITO

Nacional

Morto em Custóias um cidadão alemão

Continuação da pág. 1

A concentração verificou-se logo ao princípio da tarde, aumentando consideravelmente a partir das 15 horas. Como habitualmente, a quase totalidade das pessoas deslocou-se para o topo norte da cadeia de Custóias onde foram cantadas canções, nomeadamente «Grândola vila morena», proferidas palavras de ordem e lidas algumas mensagens.

O desfecho lamentável desta jornada que poderia ter decorrido sem incidentes, teve o seu início cerca das 18 horas quando os manifestantes abandonavam o topo norte da cadeia e se dirigiam para as vias de acesso a Custóias a fim de regressarem a suas casas, retomando autocarros e centenas de automóveis que estacionaram até uma distância bastante grande daquele estabelecimento prisional. Em frente do portão principal da cadeia encontravam-se vários elementos da G.N.R. a cavalo, armados de sabre, desde antes do início da concentração. Colocados a alguns metros do portão ou mesmo junto a este, aqueles elementos da G.N.R. formavam um cordão de segurança à referida entrada, por onde passaram desde o princípio da tarde as pessoas que foram efectuar visitas aos detidos, quer de delito comum, quer militares e civis antifascistas ali internados. Nesse local, enquanto elementos de várias organizações procediam calmamente à venda de jornais e de autocolantes, uma grande parte dos manifestantes prosseguiu entoando em coro palavras de ordem ouvidas durante toda a tarde: «Morte ao fascismo, liberdade para o povo», «O povo diz não, diz não à repressão», «Libertação imediata dos antifascistas presos», «Aqui está o povo, o M.F.A. lá dentro», «Morte ao E.L.P. e a quem o apoiar», «A vitória é certa, a luta continua», «Operários, camponeses, soldados e marinheiros unidos venceremos», «Revolucionários fora de Custóias já», etc.

NINGUÉM TENTOU PENETRAR NA CADEIA

Os manifestantes permaneceram aí durante alguns momentos e a dada altura uma carrinha civil saiu do portão da cadeia ficando junto dos elementos da G.N.R. a cavalo, tratando-se ao que pudemos saber de uma viatura que em serviço normal se preparava para deixar a cadeia. Como os manifestantes se encontravam na estrada diante dos muros em frente do cordão já referido da força montada da G.N.R., a carrinha retrocedeu, por impossibilidade de se deslocar, para dentro da cadeia. Entretanto os cavalos da G.N.R. procuravam afastar os manifestantes, sendo para o efeito conduzidos em pequenos movimentos de modo a intimidar as pessoas presentes. Conforme pudemos ver claramente, dado que em serviço de reportagem nos encontravamos mesmo diante do portão, nenhum grupo ou elemento isolado dos manifestantes tentou penetrar na cadeia. Quando a viatura civil retrocedeu o enorme portão foi imediatamente fechado e, segundos depois, novos elementos da G.N.R. de G-3 em punho e a pé saíram da pequena porta lateral, junto ao portão, colocando-se atrás dos elementos montados. A tensão verificada nesse momento foi grande e de enorme expectativa. Prosseguiam as palavras de ordem e alguém teria aventado a hipótese de a carrinha que momentos antes se preparava para saír da cadeia, transportava «bufos» ou outros detidos não antifascistas.

De qualquer modo este pormenor não teve relevância especial até porque não constou de nenhuma proclamação audível pelos outros manifestantes e nós só ocasionalmente nos pudemos aperceber da referência feita por algumas pessoas nesse sentido à referida carrinha. Mas a tensão aumentou no momento em que os elementos da G.N.R. armados de G-3 puxaram as culatras e as voltaram para o ar, o que deu a entender que os disparos não tardariam. Efectivamente. Em abono da verdade podemos afirmar que vimos ser atirada uma pequena pedra contra os muros da cadeia, pedra que não atingiu qualquer elemento das forças militarizadas presentes.

TIROS PARA O AR E TIROS RASANTES

E é mesmo natural que estas nem se tenham apercebido, na sua totalidade, deste facto. Os disparos de G-3 para o ar começaram logo a seguir, provocando uma debandada geral de todos os manifestantes e gerando cenas de pânico com pessoas que caíam, com crianças que gritavam e chamavam pelos pais, com pessoas a galgar o pequeno muro fronteiro à cadeia e outras a resguardarem-se por detrás dos automóveis ali estacionados. A nossa reportagem transpôs nesse momento aquele pequeno muro donde pode verificar que as rajadas prosseguiam com forte intensidade, enquanto por várias centenas de metros em redor, em terrenos de cultivo e pequenas bouças, as pessoas procuravam abrigar-se. Momentos depois uma viatura militar, uma «Panhard» segundo cremos, saiu também do portão transportando elementos armados que igualmente procederam a disparos. Num momento em que a debandada era praticamente generalizada pudemos ver que elementos da G.N.R., de joelho em terra, voltavam as armas já não para o ar mas para a frente em tiro rasante, enquanto outras, ao que nos pareceu, procediam também a disparos das guaritas do presídio. Nesse momento apercebemo-nos da existência de feridos, não só pelos gritos que algumas pessoas lançavam como porque em dois casos que pudémos verificar havia gente caída no chão, junto ao muro que ladeia a estrada fronteira ao presídio. Efectivamente tratava-se de feridos, porque momentos passados reparámos que havia pessoas transportadas em braços para dentro da cadeia. Num dos casos, pelo menos, um elemento da G.N.R., ao que julgamos um oficial colaborava no transporte de um desses feridos. Nessa altura poucas pessoas permaneciam diante da cadeia e a debandada prosseguia em ambiente de verdadeiro pânico em todas as direcções.

«PONHA-SE A ANDAR QUE SE NÃO TAMBÉM É ABATIDO»

Uma coisa podemos afirmar dada a presença de elementos da nossa reportagem desde o início dos incidentes diante do portão da cadeia: os primeiros tiros ouvidos partiram das forças da G. N. R. para dispersar os manifestantes. A debandada, repetimos, foi generalizada. E por isso mesmo afirmamos e repetimos que foram perfeitamente inúteis e perfeitamente evitáveis as atitudes que se traduziram em três mortos e sete feridos, alguns destes em estado grave. Numa altura em que os objectivos pretendidos pelas forças da G. N. R., dispersar os manifestantes, estavam a ser claramente atingidos com a debandada, não vemos a necessidade de atingir pessoas com fogo rasante a escassas dezenas de metros da Cadeia de Custóias.

Cerca de 10 minutos depois chegaram a Custóias três ambulâncias que entraram imediatamente na cadeia e sairam depois com os feridos. No local algumas pessoas falavam em seis feridos levados para o interior da cadeia, mas só mais tarde no Hospital se pode obter a identidade de todas elas. Entretanto, quer em Custóias, quer depois no Hospital de S. João, já de madrugada, obtivemos pormenores sobre o tratamento dado áqueles que colaboraram no transporte dos feridos para dentro da cadeia. Num dos casos um homem que levou uma criança nos braços foi ameaçado com a coronha da espingarda e insultado. Este mesmo homem, por nós devidamente identificado, afirmou-nos também que um oficial da G. N. R. se mostrou chocado e indignado quando viu uma criança ferida gravemente e ensanguentada a ser levada para dentro. A criança em questão, de 3 anos de idade, é sobrinha do major Arnão Metello, detido no R. A. S. P. (Gaia). Outro homem que a pedido dum elemento da G. N. R. colaborou no transporte de um ferido para dentro da cadeia ouviu estas palavras quando vinha a sair de braços no ar: «Ponha-se já a andar se não também é abatido». Este homem, pedreiro de profissão, foi por nós devidamente identificado.

OS FERIDOS

Os feridos, ao darem entrada na cadeia, eram depositados no chão, junto á casa da guarda onde aguardaram as ambulâncias. Dois deles, já estavam mortos. No Hospital de S. João obtivemos de noite a identidade de todos e os respectivos ferimentos. Assim: Maria Isabel Arnão Metello, de 3 anos, residente na Av. do Brasil, 162, 7.°, Dt.°, Lisboa (atingida com bala de espingarda que fracturou a bacia e destruiu uma parte do intestino). O seu estado inspirava os maiores cuidados, segundo nos disse um médico no hospital, e embora a operação tenha decorrido bem, o pós-operatório é crítico dada a possibilidade de infecção por se ter rompido uma parte do intestino; Isabel Maria Sousa Figueiredo, de 16 anos, estudante, da Rua Barão do Corvo, 563, V. N. Gaia, irmã de um primeiro-cabo da Força Aérea, também detido em Custóias (atingida por disparo, embora ligeiro, recebeu tratamento e teve alta); Maria Teresa Arnão Metello, de 70 anos, mãe do major Arnão Metello, a residir na Rua João Grave, 35, Porto; a sobrinha (já referida) do major Arnão Metello; Manuel da Costa Pereira, de 43 anos, do lugar de Mourão, Retorta, Vila do Conde (internado em estado grave tendo-lhe sido extraídos o rim direito e parte do fígado); Jacinto Ferreira Peixoto, de 44 anos, técnico de telefones, da Rua Bartolomeu Dias, 198-2.°, Gaia; António Beato da Ponte, de 30 anos, orçamentista, da Rua António Cândido, 100-1.°, Porto. Alves da Costa, de 53 anos, ferroviário, do lugar da Fonte Mindelo. Este foi o único dos feridos de Custóias que foi transportado para o Hospital de Santo António.

OS MORTOS: «BALAS ENTRARAM PELAS COSTAS»

Quanto ás identidades dos mortos, todos chegados ao Hospital de S. João referimos: Arménio Pereira da Silva, de 30 anos, empregado de armazém, da Rua D. Frei Álvaro Camelo, Leça do Balio; Celestino Rebelo Teixeira, de 43 anos, servente de armazém, do Lugar da Rasa, Santo Ovidio, Gaia; e o cidadão alemão Guenther Bruns, de 22 anos, natural de Hamburgo em Portugal há algum tempo e que se preparava para regressar ao seu país dentro de dias. Encontrava-se em casa de amigos portugueses e trabalhou há tempos na Cooperativa Estrela Vermelha.

No Hospital de S. João falamos com diversos médicos, e bem assim com o professor Valdemar Cardoso e o dr. Rocha Marques, o primeiro dos quais dirigiu toda a equipa que tratou os feridos e procedeu a várias operações. Soubemos também que médicos houve que se apresentaram voluntariamente no hospital para prestar serviço nesta triste e grave emergência. Segundo nos declarou expressamente o professor Valdemar Cardoso todas as balas entraram, nos feridos graves, pelas costas. Também nos afirmou que só um dos projectéis foi recuperado nas operações efectuadas. Este projéctil foi retirado do fígado de Jacinto Ferreira Peixoto, tendo sido entregue na esquadra da P. S. P. do Hospital de S. João. O professor Valdemar Cardoso afirmou-nos tratar-se de um projéctil pequeno. Na esquadra da P. S. P., do Hospital foi-nos dado ver o referido projéctil, afirmando-nos o guarda tratar-se de calibre 7,65 ou talvez, com menos probabilidade, de calibre de 9 mm e que poderá ter sido disparado por pistola «Walter», «F. N.», ou outra. Este caso mereceu-nos especial atenção e procuramos averiguar no Hospital de S. João as circunstâncias em que Jacinto Ferreira Peixoto foi atingido com um projéctil daquele calibre. O filho que o acompanhava no momento em que foi atingido, declarou-nos: «Meu pai ia ao meu lado, deitou-se no chão para se abrigar dos disparos quando já íamos nos terrenos cultivados que estão para além do muro que ladeia a estrada diante do presídio. A certa altura levantou-se, a meu pedido, e continuamos a afastar-nos para longe de Custóias. Foi nesse momento que o meu pai se começou a queixar de uma dor na zona da cintura. Vimos então que estava ferido».

Este indivíduo acrescentou que no momento em que o pai se queixou de uma dor se encontravam ambos de costas para o presídio de Custóias pelo que afirma que a bala foi disparada da retaguarda.

MENSAGEM DOS DETIDOS

Durante a manifestação foi lida uma mensagem dos detidos em Custóias, enviada para o exterior ontem mesmo pelo capitão Faria Paulino. Lida ao microfone, a mensagem refere a data do Dia Mundial da Paz, e afirma nomeadamente: «Por toda a parte homens com as mãos crispadas em grades de prisões vêem nascer o Novo Ano, lutando para que o Homem seja livre. Por toda a parte, a fome, a doença e a incultura vitimam crianças, mulheres e homens perante a indiferença calculista da plutocracia internacional. Apesar das boas intenções propaladas por chefes e governantes, o Homem luta e morre já hoje para que o ideal de fraternidade e de solidariedade humanas se concretize e deixe de ser um mero formalismo verbal, circunstancialmente proferido com hipocrisia uma vez por ano. A vida continua a ser comandada, apesar dos votos humanitários das almas bem formadas, pela luta sem tréguas dos explorados contra os exploradores, dos dominados contra os dominadores, dos escravos contra os novos senhores.»

Continua na pág. 16

Ruy Luís Gomes: "Indignação"

LISBOA, 2 — «A minha reacção pessoal é de indignação perante aquele assassinato» — eis as palavras com que o professor Ruy Luis Gomes comentou para a **Anop** os incidentes registados, ontem, junto à prisão de Custóias, dos quais resultaram três mortos e vários feridos, alguns em estado grave.

O reitor vitalício da Universidade do Porto, prestigiosa figura da luta antifascista, revelou também ter já enviado ao Presidente da República um telegrama pedindo um inquérito ao que se passou em Custóias e exigindo «a libertação dos revolucionários, pois admitindo que essas pessoas cometeram alguns erros, o erro maior foi prendê-los, pois são pessoas absolutamente indispensáveis à construção do socialismo em Portugal».

Entretanto, durante a madrugada de hoje, reuniram-se na Cooperativa «Árvore», no Porto, numerosas pessoas, familiares e amigos dos militares detidos em Custóias, chocadas pela violência da atitude das forças da ordem, para estudar medidas a tomar.

O professor Ruy Luis Gomes, reitor vitalício da Universidade do Porto, tem desenvolvido já esforços no sentido de restituir à liberdade os militares detidos após os acontecimentos de 25 de Novembro, destacando-se um encontro com o Presidente da República, general Costa Gomes, quando, junto com outras personalidades, entregou um abaixo assinado de solidariedade a estes presos políticos, com 5 mil assinaturas.

Entretanto, em representação de centenas de pessoas, e subscrito por Ruy Luis Gomes, eng. José Morgado, dr. Oscar Lopes e eng. Jorge Delgado, foi enviado ao Presidente da República e ao Conselho da Revolução, esta madrugada, o seguinte telegrama:

«Indignados brutal ataque a tiro de G. N. R. sobre enorme multidão famílias, mulheres, crianças, amigos solidários com revolucionários presos Custóias matando três pessoas e ferindo gravemente várias outras protestam veementemente reclamando imediato castigo responsável ou responsáveis por tais actos caracteristicamente fascistas assim como a imediata libertação revolucionários presos».

Câmara Municipal do Concelho de Setúbal

ANÚNCIO

EMPREITADA DE CONSTRUÇÃO DE UM EDIFÍCIO DE DOIS PISOS DESTINADO A OFICINA E REFEITÓRIO DOS SERVIÇOS DE HIGIENE E LIMPEZA DA CÂMARA MUNICIPAL DE SETÚBAL

Faz-se público que, perante a Câmara Municipal de Setúbal, na primeira reunião ordinária a realizar nos Paços do Concelho, pelas 20 horas, depois de decorrido o prazo de 20 dias sobre a publicação deste anúncio no «Diário do Governo», se procederá ao concurso público, por meio de propostas recebidas até às 17 horas do último dia do prazo anteriormente fixado, para adjudicação da empreitada em epígrafe.

A base de licitação é de 434.700$00.

A caução de 2,5 por cento do preço base será no valor de Esc. 10 867$50, devendo ser efectuada mediante depósito em dinheiro na Caixa Geral de Depósitos ou garantia bancaria.

As restantes condições de admissão constam do respectivo programa do concurso que, com o caderno de encargos, projecto e demais documentos, se encontra patente, todos os dias úteis, durante as horas de expediente, na Secção de Obras Municipais nos Paços do Concelho de Setúbal.

Paços do Concelho de Setúbal, 29 de Dezembro de 1975.

O Vice-Presidente da Comissão Administrativa, em exercício,

Francisco Leonel Rodrigues Lobo

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da patente n.° 57 126, para «PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DE DERIVADOS DE IMIDAZOLINA COM EFEITO FARMACÊUTICO».

Trata:

CLARKE MODET & C.ª, Ltd.ª

PATENTES E MARCAS
Rua Castilho, 201-3.° Esq.
LISBOA

Trabalho

Nota oficiosa

Ainda as credenciais

Ainda sobre a caducidade das credenciais passadas aos trabalhadores pelo Ministério do Trabalho, recebemos deste departamento a seguinte nota oficiosa, que publicamos ao abrigo do Artº 15 da Lei de Imprensa:

«Na sequência do despacho de 26 de Dezembro de 1975, desta Secretaria de Estado do Trabalho, determina-se que o prazo de caducidade nele fixado em 31 de Janeiro de 1976 — se considera extensivo a todas as credenciais que, não tendo caducado antes de 26 de Dezembro de 1975, se encontrem numa das seguintes condições:

a) Não esteja nelas fixado qualquer prazo de validade;

b) Tenham nelas fixado prazo de validade;

b) Tenham nelas fixado prazo de validade posterior a 31 de Dezembro de 1976;

c) Tenham nelas fixado prazo de validade compreendido entre 26 de Dezembro de 1975 e 31 de Dezembro de 1976, caso em que se considerarão automaticamente renovadas até á última daquelas datas.»

SINDICATO DOS ELECTRICISTAS:

"A Applied Magnetics foi o balão de ensaio"

«É incorrecto, é demagógico, é criar artificialmente um processo divisionista declarar que o Sindicato dos Electricistas do Sul quer **impor**, quer **desarmar** os trabalhadores, seja naquilo que for, porque os factos provam o contrário e a luta contra o desemprego não é atacar Organizações Sindicais, não é a actuação empirista, não é confundir e dividir os trabalhadores, não é demagogia consciente ou inconsciente» — afima num comunicado a direcção do Sindicato dos Electricistas do Sul a propósito de algumas afirmações e de um comunicado-apelo da Comissão de Trabalhadores da Applied Magnetics.

Depois de recapitular alguns factos que comprovam a colaboração do Sindicato com a Applied Magnetics, salienta a direcção: «O problema da Applied Magnetics não pode ser visto e equacionado tão superficialmente como se tenta dizer a todos os portugueses. O problema da Applied foi o balão de ensaio das multinacionais de Material Eléctrico como princípio da investida do capitalismo contra a jovem democracia portuguesa e contra os trabalhadores que vendiam a sua força de trabalho neste sector.

«O problema da Applied nunca foi uma luta entre trabalhadores com as notícias acintosas, deturpadas ou erradas que órgãos de comunicação social puseram a circular, querendo fazer crer que uma organização de trabalhadores — o seu Sindicato — e através da sua direcção é responsável pela situação criada».

SECRETARIADO CONTRA SECRETARIADO

A Comissão de Trabalhadores das Oficinas Gerais de Material Aeronáutico divulgou um comunicado que afirmam subscrito pelos órgãos similares das fábricas Sepsa, Presmalt e Plasluz, denunciando «uma atitude divisionista» do Secretariado da Cintura Industrial de Lisboa, após a realização do 1.º Congresso Nacional das Comissões de Trabalhadores. Afirma-se no texto divulgado que o Secretariado «para além de auto-eleito, e da maior parte das comissões que dele fazem parte não serem mandatadas dos trabalhadores, estas mesmas comissões foram muitas vezes contactadas e depois do 1.º Congresso Nacional, quer para pertencerem ao Secretariado Nacional, quer para assistirem ás reuniões sobre o controlo operário, armamento, etc.».

G. R. G. E. MEMBRO DE HONRA

A comissão administrativa das C. R. G. E. foi nomeada por aclamação, membro de honra da Associação Técnica da Indústria do Gás Francesa. Esta nomeação, que decorreu por altura do congresso daquela Associação, foi feita meses após a substituição da administração belga, a rescisão dos contratos com a Sofina e a nacionalização da empresa.

CONGELAMENTO: A QUEM SERVE?

«Perante a ofensiva capitalista actual que faz perigar as conquistas sindicais dos trabalhadores e leva o Conselho de Ministros a prolongar o período de congelamento das negociações da contratação colectiva, prejudicando gravemente os legítimos interesses dos trabalhadores», a direcção do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Lisboa «levanta o seu vigoroso protesto contra esta medida e alerta os trabalhadores do comércio e convida-os a denunciar as manobras da burguesia para tomar o poder e oprimir e explorar as classes trabalhadores».

O Sindicato, que afirma serem sempre as conquistas económicas, sociais e políticas dos trabalhadores, em qualquer regime político que seja, o resultado de duras lutas travadas pela classe trabalhadora através das suas organizações sindicais, «não pode compreender que um Conselho da Revolução que se diz ao serviço da Revolução Socialista prejudique os trabalhadores, quando o custo de vida aumenta, não lhe permitindo negociar uma melhor e mais justa remuneração do seu trabalho».

DEFENDER AS CONQUISTAS ALCANÇADAS LUTAR CONTRA MEDIDAS ANTIOPERÁRIAS

— tarefas do movimento sindical, definidas no último plenário da Inter

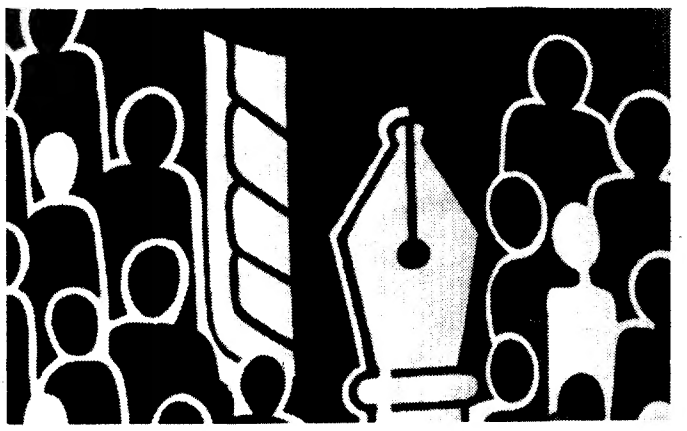
. Defesa das liberdades sindicais, da Reforma Agrária, e do controlo operário, luta contra o congelamento da contratação colectiva e contra as tentativas de recuperação da Previdência, são as tarefas principais apontadas pelo secretariado da Intersindical, num documento de análise da presente situação social e política, apresentado no plenário da confederação geral dos trabalhadores portugueses, realizado em Lisboa, na terça-feira.

«Perante a ofensiva generalizada das forças do capital, cabe ao Movimento Sindical a defesa das conquistas alcançadas e a luta contra as medidas antioperárias que vêm sendo tomadas», lê-se nesse documento.

A defesa da unidade continua a ser um objectivo fundamental da luta do movimento sindical, considerando-se o avanço na organização sindical como uma tarefa particularmente importante.

No que respeita ao congelamento da contratação colectiva, exemplo concreto, segundo os sindicatos, de que «a política de austeridade dos actuais órgãos de poder serve o capital e é realizada contra os interesses dos trabalhadores e à sua custa», o plenário adoptou diversas directrizes.

Os sindicatos analisaram, também, o «ataque e as grandes dificuldades postas à Reforma Agrária», que pretenderá «justificar uma política de entrega de terras aos latifundiários». Defendê-la implica «amplas reuniões nos campos e nas fábricas para reforçar o esclarecimento», o reforço da «aliança com a classe operária e restantes trabalhadores» e da «cooperação com os pequenos camponeses que ainda não estão integrados nas cooperativas e herdades colectivas», e a organização dos sindicatos agrícolas, onde se justifique a sua existência.



Por proposta do Sindicato dos Metalúrgicos de Lisboa, os sindicatos decidiram «não admitir qualquer tentativa de pôr em causa a participação dos trabalhadores nas comissões administrativas das Caixas de Previdência», repudiando qualquer medida que, «a coberto de uma pretensa resolução dos problemas da Previdência, vise no fundo a sua recuperação pelo Estado».

Os sindicatos presentes, representando a maioria dos trabalhadores portugueses, de Norte a Sul, deliberaram exigir a publicação imediata do decreto sobre o controlo da produção, «de acordo com os interesses da classe trabalhadora» — diploma já aprovado pelo Conselho da Revolução, cuja não promulgação «continua a permitir o avanço da direita e a sabotagem da economia pelos capitalistas». Com efeito, «o controlo da produção foi, e continua a ser, essencial para a luta dos trabalhadores contra a exploração capitalista».

No seu documento, o secretariado da Inter propunha, já, que se efectuassem reuniões nos sindicatos e nos locais de trabalho, para se discutir a importância do controlo operário e as formas de o levar à prática.

O plenário aprovou, ainda, um voto de total confiança na Intersindical e em todas as suas estruturas orgânicas actuais (784 votos a favor, 26 contra, e 164 abstenções).

MARINHA MERCANTE

Fim da "greve" à vista

As negociações com vista à quantificação dos aumentos de encargos que a entrada em vigor do novo Contrato Colectivo de Trabalho do pessoal da Marinha Mercante implicará, prosseguem hoje, no Ministério dos Transportes e Comunicações, registando-se boas perspectivas de que a reunião termine ainda hoje e o trabalho referente a horas extraordinárias, seja já retomado amanhã, segundo nos informou um representante da Federação dos Trabalhadores do Mar.

Esta possibilidade advém do facto de estarem a ser confirmadas as verbas que os Sindicatos tinham previsto, contrariamente às informações prestadas pelo patronato (armadores), entre o qual se contam algumas empresas nacionalizadas. No entanto, até completo esclarecimento da situação e aplicação do Contrato em causa, os trabalhadores continuam a não fazer horas extraordinárias, paralisando no porto de Lisboa, cerca de trinta navios e continuando a impedir o fornecimento de ramas de petróleo, à refinaria da Sacor, em Cabo Ruivo.

Ontem, a tripulação do «Carvalho Araújo» foi solicitada pela Administração do Porto de Lisboa, no sentido de manobrar o navio, para abrir lugar no cais, da Rocha do Conde de Obidos, a fim de possibilitar o atracamento de outra unidade estrangeira que entrava no Tejo. Consultados, os Sindicatos adoptaram uma posição de conciliação, face ao bom andamento nas reuniões que decorrem no Ministério das Comunicações, com a presença de representantes deste departamento governamental, do Ministério do Trabalho, dos Sindicatos e dos Armadores. Assim, se a tripulação o entender, deverá fazer a manobra que lhes foi pedida.

PUB

ORGANIZAÇÃO PRÓ-SINDICAL DOS TRABALHADORES DA FUNÇÃO PÚBLICA

AOS TRABALHADORES DA FUNÇÃO PÚBLICA

AVISO

1. De acordo com os representantes dos 4 projectos de estatutos, a fim de obter uma maior participação dos trabalhadores no processo e garantir a eficácia deste, comunica-se que os prazos contidos nas «Normas para o Processo de Constituição Legal do Sindicato e Aprovação dos Estatutos», foram alterados como segue:

Até 10 de Janeiro — Entrega dos resultados da votação das «Normas».
De 15 de Dezembro a 17 de Janeiro — Recenseamento colectivo.
De 18 de Janeiro a 25 de Janeiro — Recenseamento individual.
De 26 de Janeiro a 2 de Fevereiro — Elaboração dos cadernos provisórios.
A 3 de Fevereiro — Afixação dos cadernos provisórios.
De 3 de Fevereiro a 10 de Fevereiro — Reclamações.
De 11 de Fevereiro a 15 de Fevereiro — Elaboração de cadernos definitivos.
De 16 de Fevereiro a 21 de Fevereiro — Afixação e exposição.
A 21 de Fevereiro — Assembleia Constituinte.

2. Os plenários dos distritos de Beja e Castelo Branco, para decidir da participação dos trabalhadores dos respectivos distritos no processo de constituição do Sindicato a nível da Região Lisboa/Sul e discutir e votar as «Normas para o Processo de Constituição Legal do Sindicato e Aprovação dos Estatutos», realizar-se-ão no próximo sábado, dia 3 de Janeiro, nos seguintes locais:

BEJA — Na Escola Comercial e Industrial, às 16 horas.
CASTELO BRANCO — Na Escola Industrial, às 15 horas.
COVILHÃ — No Liceu Nacional, às 15 horas.

Nacional

ENSINO EM 1975:
UM ANO EM TUDO DIFERENTE
ABRE EM GR
TERMINA SE

Em 21 de Dezembro de 1974 é publicado o Decreto-Lei, 735-A que regulamenta a gestão democrática nas escolas. Posto em prática só a partir de Janeiro, ele vem marcar um ano em tudo diferente. Pela primeira vez os alunos e funcionários auxiliares têm acesso à gestão das escolas com os professores. Em Dezembro de 1975, um ano decorrido, determina-se a sua manutenção com algumas correcções. Entre estas duas datas, o que se passou entretanto?

. O Serviço Cívico continua a ser contestado, os liceus do País entram em greve porque uma circular determina que as médias de dispensa sejam 14 e 12 para o curso complementar e o curso geral, respectivamente, a violência continua nas escolas (secundárias e superiores — no Técnico batalhas campais saldam-se em 30 feridos, no Liceu Pedro Nunes alunos espancam um elemento da comissão de gestão e incendeiam instalações da escola), a liberdade de ensino é discutida na Constituinte, a Igreja vem à liça clamando, em síntese, pelo ensino privado. A Universidade Aberta, ensino à distância está em estudo, a colocação dos professores na ordem do dia. Entra em vigor o 7.° ano de escolaridade (1.° ano do ensino unificado secundário), as Bases programáticas do Ensino Superior aprovadas em 11 de Julho pelo Conselho da Revolução prevêem a participação dos sindicatos no governo das Universidades, determinam o «numerus clausus» e estabelecem as normas do acesso ao ensino superior, sendo dada prioridade ao trabalhador-estudante; o serviço cívico é acrescido de cadeiras propedêuticas, transformando-se o espaço entre o fim do curso complementar e o ingresso na Universidade um «ano de orientação». O ano lectivo (Outubro/75) tarda a iniciar-se. Motivos oficiais: greve nos serviços centrais do MEIC; incêndio na Comissão Central de Colocações, afluxo imprevisto de estudantes retornados, falta de instalações escolares. Finalmente: jubileu de Rui Luís Gomes, reitor da Universidade do Porto e de Paulo Quintela, catedrático (só depois do 25 de Abril) da Faculdade de Letras de Coimbra, Magalhães Vilhena, readmitido na Universidade Portuguesa após o 25 de Abril, catedrático da Faculdade de História de Lisboa, recebe a medalha Lenine.

Se Magalhães Godinho é quem primeiro reflecte em profundidade sobre as directrizes a traçar no ensino em Portugal, será Emílio da Silva (agora detido) o seu grande legislador. Neste fim do primeiro período, calmo e sem notas (no Preparatório e Secundário), poderá dizer Ruy Luís Gomes no momento de ser jubilado que parte deixando a funcionar todas as escolas da Universidade do Porto. O que desde o 25 de Abril se pode considerar invulgar, senão único.

O engenheiro Costa Brotas, já no fim do ano, convoca a Imprensa para o Palácio Foz e informa dos seus dois objectivos prioritários: criação de cursos curtos, formação de mais e melhores professores.

Novas universidades arrancaram; outras estão prontas ou prestes a arrancar. Os estudantes cansados de um ano política e militarmente intenso, reflectindo quiçá o compasso de espera em que vive o País, a reflexão necessária sobre 20 meses de Revolução, frequentam as escolas, quase silenciosos, como que desencantados.

ACESSO Á UNIVERSIDADE

Problema número um (pelo menos o mais espectacular) do ano lectivo 74/75, o acesso à Universidade continua na ordem do dia (?). Se a Constituinte (PPD e CDS) fizerem aprovar que «o Estado recomhece e garante a igualdade de oportunidades na formação» que ensino e acesso à Universidade vamos ter no ano que amanhã começa? A posição passiva do Estado (reconhecimento e garantia tão-somente) dá margens a que entrem os mesmos e os mesmos fiquem de fora.

O acesso ao ensino superior oficial foi uma das preocupações do V Governo se nos reportarmos ao Decreto-Lei 363, de 11 de Julho aprovado pelo Conselho da Revolução mas que não chegou a ser promulgado.

Além do serviço cívico que já vinha em discussão desde o II Governo Provisório e que foi anunciado ao País através da Televisão pelo então ministro Rodrigues de Carvalho, foram elaboradas as Bases programáticas para a Reforma do Ensino Superior visando o controlo democrático da Universidade, quer através das estruturas sindicais quer através das estruturas representativas dos interesses nacionais e regionais. Em última análise: um sistema de gestão socialista da escola.

Refere a Base III do Decreto-Lei de 11 de Julho, sobre o acesso ao ensino superior: «É instituído para todos os estudantes do Ensino Superior, um ano vestibular constituído por actividades do serviço cívico».

Com a ressalva: «os maiores de 25 anos e os trabalhadores com um mínimo de cinco anos de actividade profissional, comprovada nos termos da legislação complementar, terão acesso ao ano vestibular, independentemente das habilitações académicas que possuirem, mediante aprovação em exame preliminar adequado.»

Quanto ao aproveitamento escolar foi aprovado mas também não promulgado (insiste-se que os estudantes que não obtiverem aproveitamento escolar durante dois anos lectivos seguidos ou três interpolados, perdem o direito a inscrever-se em qualquer estabelecimento do ensino superior nos três anos que se seguem imediatamente àquele em que, pela última vez, não tiverem obtido aproveitamento.

Referiam ainda as bases programáticas a criação do Instituto Nacional de Investigação para o Desenvolvimento, ideia que irá ser posta brevemente em prática, reportando-nos às recentes declarações de Vítor Alves, ministro da Educação e Investigação Científica ao «Diário de Notícias».

Ainda: as propinas seriam fixadas de modo a ter em conta o estatuto socioeconómico dos estudantes e do seu agregado familiar.

Ao redor do problema específico do acesso à Universidade (mais que um problema técnico, um problema político), outras medidas e outras propostas se desenvolveram no ano de 1975. Se por um lado o **numerus clausus** já vigorou em algumas faculdades (nao propriamente tendo em conta o sistema de prioridades conforme a origem social, mas já levando em consideração a necessidade de estabelecer o número de profissionais de que o País necessita ou pode comportar, como é o caso do curso de Infomática na Universidade Nova de Lisboa), noutras (na maioria), a solução continua a ser o serviço cívico estudantil.

A pergunta que fica para 1976: as medidas de acesso que venham a ser aprovadas visarão modificar a origem social dos universitários, os hábitos e a linguagem da Universidade?

Para tal seria necessário que fossem consagradas medidas de discriminação que favoreçam os filhos dos trabalhadores. O que seria inconstitucional se nos recordarmos do aprovado na Constituinte. Seja: «O Estado reconhece e garante a igualdade de oportunidades na formação».

SERVIÇO CÍVICO ANO DE ORIENTAÇÃO

Em 11 de Novembro de 1974, o prof. Pereira de Moura em entrevista concedida ao D.N., informa da necessidade e utilidade do serviço cívico estudantil. A contestação começa. Os exames à aptidão são boicotados em cinco faculdades do País. Em 28 de Novembro, Vitorino Magalhães Godinho demite-se. A sua entrevista à «Vida Mundial» põe o dedo na ferida. A contestação agrava-se como manutenção de situações de privilégio. A 14 de Fevereiro abrem as inscrições para o serviço cívico, que arrancará só em Setembro. O IV Governo institucionaliza-o. Os partidos na coligação (M.D.P./C.D.E., P.C.P., P.S. e P.P.D.) apoiam-no. Mas das organizações juvenis, só a U.E.C. dá o aval. O movimento de contestação liderado pelo M.R.P.P. conta com apoios que vão de organizações de extrema-esquerda aos Comités Paiva Couceiro (P.P.M.), J.C. (C.D.S.), J.S.D. (P.P.D.) e J.S. (P.S.). A U.E.C. acaba por perder a maior parte das eleições para as direcções de associações de estudantes dentro das faculdades. A sua posição não era com efeito cómoda.

Os detractores do serviço cívico insistem com argumentos que à distância perdido o impacto, muito ganham em fragilidade: o serviço cívico ia colidir com o mercado de trabalho, o serviço cívico era uma forma de selecção burguesa.

Mas em 1976 vai haver serviço cívico, com cadeiras propedêuticas. A contestação não se faz sentir. Se o ano transacto a origem social dos candidatos era em tudo semelhante à dos anos anteriores, este ano o «fenómeno» não deixa de se repetir.

Se a Constituinte aprova no seu articulado nas suas consequências a selecção burguesa e os estudantes não se manifestam, o que poderemos concluir da campanha que se fez à volta do serviço cívico estudantil desde o II até ao V Governo Provisório?

Objectivos do actual serviço cívico: conseguir a unidade dialéctica, reflexão-acção, trabalho intelectual-trabalho manual.

UNIVERSIDADE ABERTA

Utilizando como modelo a «Open University» embora com objectivos algo diferentes, foi elaborado um relatório para a criação da Universidade Aberta em Portugal. Para o efeito foi nomeado, pelo despacho 3/74, um grupo de trabalho constituído por João Evangelista Loureiro, Artur Marques da Costa, Alberto Melo, Bragança Gil, José António Girão e Adérito Sedas Nunes. Previa-se o lançamento da Universidade no 2.° semestre. O próprio ministro da Educação e Investigação Científica, major Vítor Alves, em entrevista concedida ao «Le Monde», fez seu o propósito de a Universidade Aberta (Uniabe) arrancar ainda em Janeiro.

Violência nas escolas em tempo de Revolução que
A reivindicação de matraca ao serviço de que class

REVE EM NOTAS

Nos seus objectivos a curto e médio prazo procuraria (ou procurará) atingir uma real regionalização do ensino superior. Preferencialmente dirigida aos trabalhadores a Universidade Aberta teria (ou terá) em vista proporcionar-lhes meios de formação individual diversi-

que significa?
classes?

ficados em vários níveis até ao grau mais alto: o ensino superior; funcionaria (ou funcionará) como uma segunda «chance» para quem queira prosseguir os seus estudos interrompidos por vários motivos, mas na generalidade, por problemas de ordem material; proporcionaria (ou proporcionará) meios para os trabalhadores melhor se habilitarem, individual ou colectivamente, para as responsabilidades económicas e sociais num país novo e socialista; meios também para adquirirem como gestores de serviços públicos, de cooperativas e pequenas e médias empresas, a informação técnica, económica, administrativa e social indispensável.

Ensino à distância, através de meios audiovisuais e por correspondência, a Universidade Aberta poderia (ou poderá) ainda servir de apoio ao ano de orientação que complementa o serviço cívico. Se por um lado se efectivaria a regionalização do ensino superior, por outro abriam-se possibilidades de compensar, através de uma maior diversificação de cursos, as dificuldades das universidades de ensino directo (as existentes), podendo mesmo serem descobertas e experimentadas novas formas de ensino, novos métodos pedagógicos.

Em suma: seria toda uma outra clientela a ter acesso ao ensino superior (emigrantes, donas de casa, funcionários públicos, etc.).

COLOCAÇÃO DOS PROFESSORES

Outro problema que ocupou em matéria de Ensino e Educação o ano de 1975 refere-se à colocação dos professores.

Com um Sindicato Comissão Directiva Provisória) por vezes contestado, com a criação de comissões, de luta de professores provisórios à margem das estruturas sindicais representativas da classe, com a criação de comissões também de luta de candidatos a professores, o problema dos docentes veio afectar em profundidade um ano lectivo que ainda se não iniciou de todo (há as palavras de Vítor Alves que indicam poderem na totalidade as escolas do País funcionarem em Janeiro).

Entretanto, o Sindicato dos Professores exigiu que o MEIC garanta trabalho a todos os docentes; que assegure condições de formação científica e pedagógica aos actuais professores sem habilitação, que sejam abolidas as horas extraordinárias e as acumulações; que sejam requisitados edifícios não utilizados.

Quanto aos professores provisórios eles exigem uma recondução automática. Por outro lado, os candidatos a professores com as habilitações consideradas necessárias exigem a sua entrada no ensino. O MEIC garante a colocação dos professores provisórios que leccionaram no ano transacto.

O problema das colocações arrasta-se. O ano escolar ainda não está a funcionar em pleno. Alega o MEIC como causas desta «anomalia»: greve dos serviços centrais do MEIC, incêndio na Comissão Central de Colocações; atraso na apresentação dos programas de 7.º ano de escolaridade.

Como consequência mais imediata não houve notas no 1.º período do corrente ano lectivo.

GREVE NO ENSINO SECUNDÁRIO

Em Fevereiro de 1975 rebenta uma greve no Ensino Secundário, que alastra por todo o País. Como novidade, ela parte da província e incide de preferência nos liceus. Iniciada no Liceu de Tomar e promovida pelo Comité Ribeiro dos Santos (MRPP) a greve de imediato atinge os liceus de Abrantes, Bragança Guarda, Viseu, Nelas, etc. Só mais tarde chega a Lisboa, onde à excepção dos liceus Padre António Secundário que estipulava como médias de dispensa, 14 e 12 valores para os cursos complementar e geral, respectivamente.

Atinge-se, a nível de linguagem e não só, o delírio. Por exemplo os estudantes de Santarém são peremptórios em declarar que o 14 «visa o chumbamento» (sic). A Faculdade de Ciências de Lisboa solidariza-se com a greve por considerar «que os decretos do M.E.I.C. sobre gestão e selecção são actos nitidamente fascistas». A média de dispensa é uma forma de selecção burguesa, clama-se por outro lado Entretanto algumas organizações juvenis há que se insurgirem contra a greve, nomeadamente a U.E.C. (P.C.P.), os N.E.I.P. (M.E.S.) e os trotkistas Círculos Vermelhos (ex-Comités Toupeira Vermelha) e Aliança Socialista da Juventude. Sobre a greve dizem os N.E.I.P.: «Os partidos da direita, designadamente o CDS, PDC, PPM, PPD têm tomado posição favorável ao alargamento da greve, por lhes interessar neste período pré-eleitoral em que vivemos criar a ideia de que reina o caos no ensino, vindo eles mais tarde a aparecer como salvadores da situação».

Acesso ao Ensino Superior: necessário substituir a linguagem e os métodos da Universidade; urgente inverter a origem social dos candidatos

VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

A violência nas escolas foi tónica constante até Julho de 1975. Violência que opunha organizações juvenis, violência no Técnico em Maio de 75 em que professores são agredidos, 30 deles expulsos por se recusarem a dar aulas aos alunos do «1.º ano». Ao todo 30 feridos. Dois estudantes são mesmo sequestrados e a expulsão da UEC é exigida em Assembleias de Escola cuja representatividade aquela organização contestava.

A Faculdade de Direito foi também palco (privilegiado) de violência. Controlada a Faculdade pelo MRPP, é proibida a entrada à UEC. Num dos confrontos mais violentos que o MRPP considerou como «assalto à Faculdade» por parte da UEC e do MJT, é necessária a comparência de três jipes da PM e dois camiões do Copcon. Na sequência dos acontecimentos estudantes de Direito tentam mesmo invador a Televisão.

No ensino secundário, o Liceu Pedro Nunes é cenário de agressões por parte dos alunos a um membro militar da comissão de gestão, de incêmdio em instalações pertencentes aquele estabelecimento de ensino, de depradações de toda a ordem; no D. Pedro V, sucedem-se os conflitos entre os alunos. Motivos mais imediatos: a proibição do uso de emblemas do PPD e CDS; numa assembleia geral de estudantes do ensino secundário, na Aula Magna da Reitoria, grupos entram em confrontação. Rescaldo: um aluno da Escola Ferreira Borges dá entrada, ferido e em estado de choque, no Hospital de Santa Maria; em Coimbra, no Liceu José Falcão, nos primeiros dias de Fevereiro, os alunos ocupam a escola, a violência alastra, a PM, PSP e três pelotões do Copcon intervêm.

As Assembleias de Escola sendo importantes como participação dos alunos foram com frequência «pivot» da contestação gratuita

ENSINO UNIFICADO

A novidade de maior vulto deste ano a chegar ao fim seria dada no entanto pela criação de um 7.º ano de escolaridade (o primeiro ano do ensino unificado secundário).

Criado com uma preparação básica polivalente, visa estabelecer a união entre o estudo e o trabalho produtivo, pretendendo os seus programas integrar a escola na região em que está inserida, e, em última análise, contribuir para uma necessária descentralização cultural.

QUE ENSINO?

O ensino de tipo francês é o mais adequado para o nosso país. Palavras do engenheiro Brotas, secretário de Estado do Ensino Superior nos primeiros dias de Outubro de 1975.

O engenheiro Costa Brotas logo após a tomada de posse no cargo que pertencera anteriormente a Avelãs Nunes, a criar controvérsia com as suas afirmações. Por exemplo: «Não acredito nem em campanhas de dinamização cultural, nem num serviço cívico estudantil, nem em campanhas de alfabetização. Aliás existe um livro espanhol o **Em Desesa da Analfabetização**.

Depois, já na segunda quinzena de Dezembro veio Costa Brotas apresentar à Imprensa o que pensa do ensino e o que será o ano de 1976. Se por um lado Costa Brotas mostrou receio de que «dentro de 5 a 6 anos a Universidade portuguesa seja medíocre» por outro salientou a necessidade de formar mais e melhor professores, criar cursos mais curtos (bacharelatos) e ter sempre em linha de conta a austeridade em que o País se tem de habituar a viver, seja: não contar com grandes orçamentos para a educação e o ensino.

O ensino dobra a esquina de mais um ano no doce remanso das faculdades que vão funcionando, sem levantar grandes ondas. Fizeram-se as inscrições para o serviço cívico, os anos clínicos de Medicina de Lisboa continuam a exigir a sua colocação nos Hospitais Civis os alunos de Medicina de Coimbra que terminaram o curso não se sentem preparados para exercer a profissão, os docentes da Faculdade de Medicina do Porto informam não terem condições para leccionar tantos alunos inscritos no curso mais caro da Universidade portuguesa.

Disse Vítor Alves quando tomou posse como ministro da Educação e Investigação Científica: «Será um ano em tudo diferente».

Com efeito o ano (lectivo, entenda-se) começou de forma invulgar se é que já começou, teve problemas novos (estudantes-retornados e ensino unificado entre outros). Como vai continuar o ano (lectivo, entenda-se)? Como vai começar o ano (civil)? Quanto ao futuro: mantém-se o projecto, a intenção já várias vezes expressa, de uma escola socialista? O ano lectivo espera pelo funcionamento do ano civil.

Rogério Rodrigues

Estrangeiro

Vidal Beneyto é uma das figuras mais representativas dos espanhóis, marcados mais pela situação do pós-guerra civil, do que propriamente pela guerra civil. Homem de convicções socialistas e com profundos princípios democráticos, partindo de posições basicamente apartidárias, logrou o respeito dos círculos de oposição de Madrid, a ponto de ser actualmente o presidente da Junta Democrática de Madrid. Vendo-se obrigado a escolher o exílio para evitar uma severa condenação a pena de prisão, tem vindo a realizar um constante trabalho de representação da oposição democrática espanhola ante todas as instâncias políticas europeias. Tendo passado recentemente por Lisboa, expôs numa conferência de Imprensa, o essencial do seu pensamento e os princípios que norteiam a acção da Junta Democrática. Lembrando que a «caetanização» do regime é a tentativa feita pelos dirigentes espanhóis para conseguirem a sobrevivência do franquismo sem Franco, chamou a atenção para a necessidade de repressão que tal tentativa implica. Acerca das medidas liberalizadoras dos primeiros tempos de monarquia de Juan Carlos, Beneyto salientou que o regime procura servir-se publicitariamente dos democratas para neutralizar a sua acção. Vidal Beneyto disse então que Juan Carlos dera já um golpe de Estado, quando não restituiu imediatamente ao povo espanhol os seus plenos direitos. Referindo-se ao papel dos militares, afirmou que «se tiver de haver um golpe de Estado militar, quanto antes o houver, melhor», exprimindo a esperança de que o próximo julgamento dos oficiais presos por pertencerem à União Democrática Militar, seja um bom momento para que o exército afirme a sua intenção de desempenhar o papel de garante da democracia em Espanha. As boas relações entre os vários agrupamentos da oposição democrática constituem — disse — «factores de aceleração do processo de democratização em Espanha». Por fim, Vidal Beneyto resumiu os objectivos imediatos da Junta Democrática: reforçar o processo unitário e levar por diante jornadas de acção democrática.

VIDAL BENEYTO AO "D.L."

O peso de Madrid na luta pela democracia em Espanha

Entrevista de JUAN CASTELLANO

Vidal Beneyto: «Numa sociedade urbanizada, a grande cidade, e, sobretudo, a capital têm um peso muito superior ao da sua própria existência relativa».

A entrevista que a seguir transcrevemos foi concedida por Vidal Beneyto ao nosso colaborador Juan Castellano, por ocasião da sua referida passagem por Lisboa.

JC — Tem-se utilizado muitas vezes a frase «Madrid não é Espanha» ou «Barcelona não é a Catalunha». Como colocarias a problemática especial sócio-político da grande cidade ou da «capital»?

Vidal Beneyto — Numa sociedade urbanizada, como é a sociedade do último quartel do século XX, a grande cidade, e, sobretudo, a capital, têm um peso muito superior ao da sua própria existência relativa. Quer dizer, tudo quanto sucede na capital ou na grande cidade, tem um efeito multiplicador por si mesmo, e desencadeia uma dinâmica muito específica de acontecimentos. Isto explica-se por um lado, porque a grande cidade é a criadora de modelos de comportamentos **sociopolítica da grande cida**- porque ali se encontra a administração do Estado, o que faz incidir terrivelmente tudo o que se passa na cidade sobre as cadeias de criação e de transmissão das decisões. Existe também uma dinâmica muito específica que faz com que tudo adquira grandes dimensões. Ainda que não seja a capital, Barcelona terá sempre mais importância que todas as outras capitais catalãs juntas.

Chega assim um momento em que a quantidade se transforma em qualidade. Já não estamos perante algo mais, mas perante algo de diferente. Uma manifestação de 150 mil pessoas não é mais do que uma de 500. É uma coisa diferente, e isto só pode produzir-se na «grande cidade».

JC — A meu ver, os movimentos democráticos evoluem, no contexto dum país, de formas diferentes, consoante o meio em que se desenrolam. Quais são, na tua opinião, as peculiaridades do movimento democrático em Madrid?

Vidal Beneyto — Creio que característica essencial da dinamização democrática própria de uma grande cidade é a inserção das forças sociais, próprias da cidade, na luta democrática. O facto de dentro das Juntas Democráticas, dentro das forças democráticas em geral, e dentro da luta democrática madrilena contra a ditadura, em particular, estarem corpos sociais, como as associações de moradores, as associações de donas de casa, as associações de consumidores, é um fenómeno típico e próprio da grande cidade. Quero dizer que numa pequena povoação andaluza é obviamente muito mais difícil recorrer a estas estruturas sociais, a estas forças sociais primárias para as instalar na luta democrática. Mas, além disso, creio que há outra característica muito notável: é que estas formações sociais primárias, as associações de moradores, por exemplo, chegaram à exigência da democracia através da exigência da democracia na sua própria vida quotidiana do bairro. Quando se dão conta de que exigências estritamente limitadas ao bairro, como, por exemplo a organização do ensino, a higiene pública, a recolha dos lixos, os serviços públicos, o traçado das ruas, etc., não podem ser satisfeitas, porque tropeçam com um veto político, com um obstáculo político, então as pessoas passam a exigir eficácia e democracia, não apenas a nível colectivo da sua vida quotidiana, mas também a nível colectivo de toda a vida do Estado espanhol. Primeiro do seu bairro, depois de Madrid, finalmente de Espanha. Creio que isto foi muito claro nas cidades e que é um fenómeno típico de grandes cidades, que evidentemente em pequenas localidades ou em cidades menos importantes reveste características e modalidades diferentes.

FORÇAS SOCIAIS DISTINTAS

JC — Em Madrid deve dar-se a coexistência na luta de forças operárias com outro tipo de forças sociais: intelectuais, trabalhadores dos serviços, etc. Isto reveste-se de características especiais?

Vidal Beneyto — Efectivamente. Na grande cidade, onde não existem hoje, em função da vida moderna, esses vínculos que a convivência física produz em comunicados mais pequenas, é onde a mobilização política de sectores sociais distintos apresenta características mais surpreendentes. Quero dizer que, quando numa pequena comunidade participam na acção política pessoas de sectores profissionais ou de classes sociais diferentes é muito mais fácil de entender porque, de certo modo, existem vínculos de relação, vínculos de conhecimento entre elas. Pelo contrário, a luta política numa grande cidade e concretamente em Madrid é que está a cimentar a democracia na medida em que forças que não podiam conhecer-se, dado que a sua própria localização as impedia de tal (as pessoas que vivem em Vallecas e as que vivem no Bairro de Salamanca estão em universos tão afastados como se estivesse a dois mil quilómetros de distância) estão a ser aproximadas pela luta democrática. Porque participam em acções colectivas nas quais coincidem, e isto cria vínculos entre elas, vínculos que, de algum modo, são o vínculo duma democracia, na qual têm de conviver necessariamente, cada qual defendendo os seus interesses. Mas conviver sem romper o tecido no qual se apoiam forças tão diferentes como um mundo de administradores, um mundo de trabalhadores, um mundo de profissões liberais, um mundo de serventes de pedreiro.

JC — Abordemos agora o fenómeno da integração da mulher.

Vidal Beneyto — Na grande cidade, as mulheres estão a ser um elemento muito importante na luta democrática, a título político individual em formações não partidárias. Tomemos, por exemplo, o Movimento Democrático da Mulher, que existe em Espanha, não só como afirmação da mulher como elemento do combate pela sua própria condição de mulher, mas também como uma afirmação política da mulher. Como uma vontade da presença política da mulher na vida colectiva. Mas, além deste tipo de associativismo, há outro tão importante ou mais ainda, que é o da presença da mulher na luta democrática dentro de um enquadramento que tem sido especificamente seu. Refiro-me concretamente às associações de donas de casa, que estão a ter um papel fabuloso. Têm sido essas associações as protagonistas, por exemplo, dessa forma de luta democrática que consiste no boicote aos supermercados ou nas greves de creches. As associações de donas de casa, de mães de família, de consumidores, todo esse tipo de formações sociais está a ter um papel muito importante e encontra-se na vanguarda da luta democrática.

JC — Tem-se apresentado a Igreja como um factor muito importante na evolução da luta democrática. Qual tem sido concretamente o seu papel?

Vidal Beneyto — A Igreja tem sido e está a ser um factor decisivo em Madrid. Precisamente pelo fenómeno de dispersão próprio da grande urbe e pelo facto de a paróquia e o pároco serem sempre um factor de polarização e, portanto, de presença. Mas, além disso, em Madrid há outro factor essencial: é que apesar do Primado ser em Toledo, por razões de dimensão nacional, o que acontece em Madrid tem uma grande repercussão. O facto de ser em Madrid que está o cardeal Tarancon, com as posições democráticas que vem tomando, tem tido uma influência relevante não só a nível de base, mas também de hierarquia, dado que a Conferência Episcopal tem sido muito influenciada, terrivelmente influenciada, pelas posições do cardeal Tarancon.

Madrid, Calle Orense: a luta democrática tem aproximado camadas da sociedade madrilena, que a vida da grande capital condena ao desconhecimento mútuo

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

VENDA DO REBOCADOR «EXPEDITO»

A C. P. tem para venda o rebocador «Expedito», que pode ser visto na estação do Barreiro, em qualquer dia útil (2.ª a 6.ª feira), das 9 às 18 horas, para o que os interessados devem contactar com a Inspecção de Via Fluvial, no Barreiro.

Algumas características:

- **Equipado com motor diesel «Ruston»**
- **Comprimento: 15,17 metros**
- **Boca: 4,01 metros**
- **Pontal: 1,68 metros**
- **Tonelagem bruta: 28,66 toneladas**

As ofertas devem ser enviadas em sobrescrito lacrado e endereçado à Divisão de Abastecimentos — Rua de Santa Apolónia, 65, Lisboa, com a indicação a vermelho (proposta para a compra do rebocador «Expedito»), até ao dia 20 de Janeiro de 1976.

Política mais flexível prometida em Espanha

MADRID, 2 — (ANOP) — Seis meses apenas após ter assumido o poder, o novo regime político espanhol percorreu já mais etapas em direcção à democracia do que o velho regime do general Franco em cerca de quatro décadas.

Contudo, o Governo reformista do primeiro-ministro Carlos Arias Navarro continua a estudar cuidadosamente outras importantes medidas, as quais, caso sejam levadas a bom termo, tal como está a ser programado, darão à Espanha um papel de relevo no mundo ocidental.

O ministro do Interior, Manuel Fraga Iribarne, o homem forte do primeiro Governo do país depois da ascensão do monarca espanhol, Juan Carlos de Bourbon, declarou publicamente que está a ser estudada uma «importante participação» popular nos negócios públicos do país, mas que as mudanças surgiriam gradualmente e nunca de rompante.

Fraga Iribarne prometeu uma política mais flexível e a formação das vias necessárias para os espanhóis participarem livremente na actividade política dentro da legalidade.

No entanto avisou também que o Governo responderá com toda a energia às pressões extremistas, venham de onde vierem, e que os terroristas e os separatistas nada têm a esperar das modificações políticas.

Pela primeira vez desde que o general Franco assumiu o poder depois de ter ganho a guerra civil em 1939, estão a ser autorizadas manifestações pacíficas de rua por motivos políticos ou económicos, ao mesmo tempo que as autoridades governamentais afirmam que a Polícia só agirá contra «os inimigos que tentem destruir a sociedade espanhola» através de meios ilegais e violentos.

Entretanto, o Governo enviou para o Parlamento um projecto de lei para as eleições das autarquias locais, o que constitui também o primeiro passo para transformar um Parlamento, até agora dócil e subserviente, num órgão genuinamente representativo e democrático.

Um certo número de grupos políticos ilegais, incluindo o poderoso Conselho das Forças Políticas da Catalunha, emergiram nas últimas semanas e a Polícia não tem intervindo para impedir as suas reuniões e comícios.

Contudo, grupos políticos da oposição insurgiram-se contra o perdão concedido aos prisioneiros pelo rei Juan Carlos, afirmando que ele estabeleceu uma discriminação entre presos por razões políticas e sociais.

De cerca de 6500 presos que foram libertados, apenas cerca de 500 eram presos políticos.

Círculos da oposição afirmam que outros 1300 se encontram ainda detidos.

OS E.U.A. REDUZEM AS SUAS FORÇAS NO ESTRANGEIRO

WASHINGTON, 2 — (ANOP) — Ao começar o novo ano, os Estados Unidos têm mais de meio milhão de soldados destacados no estrangeiro, mas o seu número continuará a diminuir durante 1976.

A nova estratégia norte-americana de reduzir a presença dos seus homens em bases estrangeiras, concentrar-se-á nos próximos doze meses na Ásia, com repatriamentos maciços dos militares estacionados na Tailândia e talvez nas Filipinas e Formosa.

Este processo de retirada, iniciado no Vietname, fez diminuir de 1 241 000 em 1968 para os actuais 517 000 o número de soldados norte-americanos no estrangeiro.

Muito embora o novo secretário da Defesa, Donald Rumsfeld, não se tenha ainda pronunciado publicamente sobre o novo papel das forças militares norte-americanas no exterior, os observadores de Washington crêem que a estratégia do seu predecessor, James Shlesinger, continuará a vigorar no Pentágono.

Este último pensava que os Estados Unidos devem concentrar o núcleo das suas tropas no estrangeiro na Europa, onde estão actualmente estacionados 314 000 homens, incluindo os 30 000 a bordo dos navios da Sexta Esquadra, que opera no Mediterrâneo.

Dos países asiáticos onde os norte-americanos mantêm fortes contingentes militares, parece ser a Coreia do Sul aquele onde permanecerão os actuais efectivos que ascendem a 42 000 homens.

Com excepção de um contingente de apoio à Coreia do Sul que ficaria concentrado na base de Okinawa, para os estrategistas norte-americanos não faz sentido a permanência dos 42 000 soldados que os Estados Unidos ainda mantêm no Japão, país com meios económicos suficientes para assegurar, inclusive, a sua autodefesa atómica.

Além da frota do pacífico, com cerca de 28 000 homens a bordo, encontram-se ainda na Ásia mais de cem mil soldados norte-americanos, 20 000 dos quais na Tailândia, 15 000 nas Filipinas e 4000 na Formosa.

A Tailândia e as Filipinas foram os primeiros países a pedir a retirada das tropas norte-americanas, mas esta repatriação afectará também os elementos estacionados na Formosa, devido ao «degelo» nas relações sino-norte-americanas.

Os estrategistas norte-americanos receiam que a tendência para uma continuada retirada de tropas debilite o flanco europeu da N.A.T.O. mas, segundo os peritos, a nova tecnologia bélica e os possíveis acordos com a União Soviética em breve tornarão desnecessária a presença de mais de 300 000 soldados na Europa.

A entrada ao serviço dos novos aviões de transporte C-5A e outros aparelhos gigantes do mesmo tipo, agora em projecto, permitirá o transporte maciço de divisões norte-americanas para a Europa em caso de emergência e numa questão de horas.

Qualquer redução de tropas na Europa, devido a qualquer outra redução similar negociada com a U.R.S.S. é os restantes países do Pacto de Varsóvia, afectaria especialmente a Alemanha Federal, onde estão actualmente estacionados 220 000 soldados norte-americanos.

Dos outros países europeus onde se encontram tropas norte-americanas, refira-se o Reino Unido, com 21 000 soldados, seguido pela Itália com 12 000 soldados e a Espanha com 9000.

Caleidoscópio

■ PARIS, 2 — (R.) — A França anunciou no dia 31 que concederá a independência ao território dos Afars e Issas, o seu último território em África.

Mas o Governo francês espera manter uma base militar na área de Djibuti, principal cidade e porto.

O presidente Valéry Giscard D'Estaing fez saber através de um informador governamental, que o território, anteriormente conhecido por Somália Francesa, ou Djibuti, ascenderia brevemente «à soberania internacional».

O território, de 23 mil quilómetros quadrados, ocupa uma posição estratégica no Golfo de Aden, entre a Somália e a Etiópia. A sua população é calculada em cerca 25 mil pessoas.

■ BEIRUTE, 2 — (R.) — O primeiro ministro líbio, Abdel Salam Jalloud, tem estado a conferenciar em Bagdad como parte da iniciativa de dirigentes radicais árabes para formar uma «frente de rejeição» de Estados árabes que se opõem a uma solução negociada com Israel — anunciaram círculos palestinianos autorizados.

O planeado alinhamento engloba o Iraque, a Líbia, a Argélia e o Iemene, do Sul apoiados pela «Frente de Rejeição» de alguns grupos de comandos palestinianos.

Espera-se igualmente que a Síria adira ao proposto «bloco progressista»,

■ BUENOS AIRES, 2 — (R.) — Um juiz federal ilibou a presidente argentina Maria Estela Peron das acusações de utilizar fundos públicos para pagamento de dívidas particulares, segundo círculos jurídicos.

■ TURIM, 2 — (R.) — Um familiar do principal industrial italiano foi ontem libertado pelos seus raptores depois de ter estado amarrado a uma cama durante cinco semanas.

A senhora Carla Ovazza, cujo filho é casado com a filha do presidente da Fiat, Giovanni Agnelli, foi libertada após ter sido pago o resgate de várias centenas de milhões de liras.

A Polícia de Turim anunciou mais tarde que três homens foram incriminados pelo sequestro e outros quatro detidos.

Richard Nixon foi preso...

PITTSBURGH (Pensilvania), 1 (FP) — Um rapaz chamado Richard Nixon foi preso anteontem à noite em Pittsburgh, na Avenida Lincoln, por um agente da Polícia com o nome de George Washington. Nixon, que tem 19 anos de idade, estava na posse de marijuana.

Normalmente, o agente George Washington faz serviço na companhia do seu colega Benjamin Franklin, que não tomou posse nesta operação «histórica» por se encontrar adoentado.

"Revolução democrática" no novo ano etíope

ADDIS-ABEBA, 2 — (F. P.) — O ano novo começa na Etiópia com palavras de ordem inesperadas: pragmatismo, realismo, moderação.

Esta é a impressão com que os observadores ficam após terem lido uma série de textos oficiais difundidos nos últimos dias, com particular relevo para um discurso do coronel Atnafu Abate, segundo vice-presidente do governo militar provisório, comdata de 25 de Dezembro, uma proclamação sobre a empresa privada na nova Etiópia (29 de Dezembro) e um editorial do jornal «Addis Zemen» (30 de Dezembro)

Nestes textos, misturam-se curiosamente ideias e teses aparentadas com a «nova política económica», de Lenine, e com a nova «democracia chinesa» definida pelo presidente Mao Tsé-Tung.

O coronel Atnafu salienta que, tal como escrevia o presidente Mao, a revolução de um povo semi feudal em nada se parece com uma revolução democrática burguesa. Os inimigos desta revolução — observa Atnafu — são «o feudalismo, o capitalismo e o imperialismo».

Mas depois desta demarcação, o dirigente etíope — um homem com um peso ideológico de difícil avaliação — lança a fórmula da «revolução democrática». Segundo ele, a revolução etíope atingiu um nível em que convém favorecer uma «burguesia nacional», que ora nasce, desde que essa nova burguesia compreenda que os seus interesses devem ir no sentido do socialismo e não no sentido de uma aliança com o «capitalismo internacional».

Dois dias depois do discurso do coronel Atnafu, o governo militar provisório publicava uma proclamação que restaurava, de facto, um capitalismo nacional, limitado em muitos aspectos mas, de qualquer modo, convidado a desempenhar um papel dinâmico na economia da nova Etiópia.

A 30 de Dezembro, por fim, o editorialista de «Addis Zemen» recordou a «nova política económica», de Lenine; aplicada três anos depois da Revolução de Outubro e que liberalizava provisoriamente a economia soviética. O editorialista perguntava a si mesmo se as novas orientações «não desagradarão aos dogmáticos», mas concluía que o exemplo de Lenine era positivo.

Como principiou o novo ano

Eis um resumo do principal noticiário internacional ao começar ontem o ano de 1976:

BEIRUTE (R.) — A capital libanesa entrou no ano novo ouvindo-se intensa fuzilaria, a maior parte festiva, desta vez, como o desejava a vasta maioria dos habitantes deste país devastado pela guerra civil.

Contudo, o troar de morteiros e explosões de foguetões, acompanhado por disparos de armas automáticas, indicavam que alguma da fuzilaria poderia não ser simples exuberância.

Rádio Beirute informou que forças de segurança tinham ocupado posições entre os milicianos em luta na cidade, mas que os combates continuavam entre o subúrbio muçulmano de Shiyah e o bairro cristão próximo de Ain Al-Rummaneh.

Os milicianos armados dessas áreas têm ignorado os inúmeros apelos de cessar-fogo desde que a guerra civil no Líbano rebentou, em Abril último.

CAIRO — Jornais cairotas anunciaram que os egípcios elegerão um novo presidente, em 2 de Outubro próximo, e uma nova Assembleia Popular (Parlamento), em 25 desse mês.

O congresso nacional da União Socialista Árabe, o único partido político do Egipto, decidiu em Julho último que o presidente Anwar Sadat seria o seu candidato para o novo mandato de seis anos como chefe de Estado.

VARSÓVIA — (R.) — O repicar dos sinos das igrejas inaugurou ontem as comemorações de bispos católicos assinalando o 600.º aniversário da relíquia mais sagrada da Polónia, a Nossa Senhora Negra, uma efígie da Virgem Maria pintada de preto, que se encontra, há seis séculos, no Mosteiro Paulino de Czestochowa, no centro da Polónia.

PORT SAID — — Port Said, cidade mediterrânica na extremidade do Canal de Suez, tornou-se ontem a primeira área do Egipto, livre de impostos, esperando-se que essa medida encoraje investimentos estrangeiros.

LONDRES — Estão a ser pedidas na Grã-Bretanha medidas de represália contra o Governo militar chileno devido às alegações da médica britânica dra. Sheila Cassidy, que afirmou que agentes dos serviços de segurança de Pinochet a despiram, a amarraram a uma cama e a torturaram.

RIO DE JANEIRO — — Dezenas de milhares de brasileiros, ao som do rufar de tambores e dos cânticos de sacerdotes, dirigiram-se para o mar, à meia-noite do dia 31 a fim de saudarem o Ano Novo.

Quando a luz de velas brilhava em inúmeros altares de areia, essas milhares de pessoas largaram barcos de brinquedo na água, cheios de espelhos, pentes, perfumes, jóias e flores brancas apelando para a vaidade de Iemanjá, a deusa do mar e purificadora das paixões terrestres.

Com os pequenos barcos seguiram orações para uma vida amorosa feliz e de prosperidade nos festejos tradicionais do Ano Novo segundo a Macumba, a religião trazida para o Brasil por escravos africanos, que têm laivos de cristianismo.

Sacerdotizas de Macumba, com as suas túnicas brancas e com as cabeças cobertas de enormes penas, cantaram e dançaram o ritual ao longo das famosas praias de copacabana e ipanema, no Rio de Janeiro, e do resto da costa do Brasil.

DHAHRAN (ARABIA SAUDITA), — Morreram todas as 82 pessoas que viajavam a bordo de um jacto da Middle East Airlines (M. E. A.) que se despenhou ontem no deserto árabe, segundo afirmaram fontes do aeroporto de Dhahram.

O Boeing 720-B da M. E. A. despenhou-se em território saudita, a cerca de 270 quilómetros a sudoeste do Kuwait, e não houve sobreviventes do desastre.

Do Kuwait foi comunicado que o avião deparara com dificuldades técnicas sobre o deserto e tentara desviar a rota, seguindo para aquele país, antes de se despenhar.

CARACAS — A Venezuela nacionalizou ontem formalmente a sua indústria petrolífera, a quinta do Mundo, pondo termo a mais de 50 anos de controlo estrangeiro.

O presidente Carlos Andres Perez hasteou uma bandeira venezuelana no local do primeiro poço comercialmente produtivo do país, nas proximidades do Lago Maracáibo, no Estado ocidental de Zulia, para simbolizar a transferência.

PRAGA — O dr. Gustav Husak, presidente checoslovaco e dirigente do Partido Comunista, declarou que o décimo quinto congresso do partido, este ano, será seguido de eleições gerais no Outono.

«Estes dois acontecimentos serão os mais importantes da nossa vida política este ano» disse o dr. Husak na sua mensagem de Ano Novo.

O início do congresso do partido está marcado para 12 de Abril.

NOVA DELHI — Uma importante conferência do partido do congresso, que ocupa o Poder, terminou ontem após ter renovado o seu apoio ao estado de emergência interna, adiado as eleições gerais e insinuando a introdução de vastas alterações constitucionais.

A conferência nacional do partido, reunida nos arredores de Chandigarh, capital do Estado do Punjab, aceitou, virtualmente sem dissidências, uma série de resoluções propostas pelo partido chefiado pelo chefe do Governo, senhora Indira Gandhi.

LA LOUVIÈRE (BÉLGICA), — A Polícia e peritos em incêndios tentarão apurar hoje o que causou um fogo num café-dançante em Louvière, o qual provocou a morte de 15 jovens que festejavam o Ano Novo.

Ficaram feridas 33 pessoas, cinco delas gravemente, quando o incêndio e uma explosão de gás devastaram o café «6-9», nesta cidade industrial no Sul da Bélgica, na madrugada de ontem.

Televisão

Hoje

Lana Turner e Clark Gable protagonistas do filme desta noite «Honky Tonk»

I PROGRAMA

19.00 Abertura e programa produzido pelo Departamento de Programas Juvenis e Infantis.
19.25 **«David Copperfield»** — série filmada baseada no romance de Charles Dickens. Realização de Joan Craft, com Colette O'Neil, Pat Keen e John Gill.
19.50 **Revista Desportiva do Ano Internacional**
20.30 **Telejornal** — 2.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro.
21.00 **Eurovisão** — transmissão em diferido da Gala de Variedades realizada em Wiesbaden. Co-produção da O.R.F. (Áustria) e S.R.G. (Suíça). Artistas principais: Gitte, Ireen Sheer, Demis Roussos, Conjunto Abba, Young Generation e outros. Orquestra de Max Greger.
22.40 **Documentário** — da Era Glacial aos Vickings.
23.10 **Telejornal** — 3.ª edição
23.30 Fecho

II PROGRAMA

20.30 Abertura e a série **«David Copperfield»**
20.55 **Stop**
21.10 **Noite de Cinema** — «Honky Tonk» — um filme de grande metragem com Clark Gable e Lana Turner. Ano de produção: 1941. Realização de Jack Conway.
23.00 **Telejornal** — em diferido a edição transmitida no I Programa às 20 e 30.
23.30 Fecho

Amanhã

I PROGRAMA

12.45: Abertura e Fronteiras do Amanhã; **13.00**; Retrospectiva; **13.15**: Telejornal — 1.ª edição; **13.30**: Hoje Pode Ver; **13.40**: «Rock» em «Stock»; **14.40**: Falar de Educação; **15.00**: Tempos de Crianças — nova série filmada; **16.00**: Ensaio — a matanca do porco; **17.00**: Os Tesouros do Museu Britânico; **17.20**: Fungagá da Bicharada — vinte minutos para as crianças; **18.00**: Cinema de Animação; **18.25**: «Robinson Crusoé»; **18.45**: Concerto Sinfónico; **19.40**: Desenhos Animados; **20.00**: Revista da Semana; **20.30**: Telejornal — 2.ª edição; **21.00**: Cada Dia uma Esperança; **21.15**: Noite de Cinema; **22.55**: Museu Aberto; **23.30**: Telejornal — 3.ª edição; **23.45**: Fecho.

II PROGRAMA

20.00:**M** Abertura e série filmada; **20.25**: Ver; **21.00**; Foi Êxito na TV — «Os Inquéritos do Comissário Maigret»; **21.45**: Telejornal; **22.00**: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
CLÍNICA DE TELEVISÃO
E ASTRONAUTA
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
Deslocação e orçamento grátis
Telefs. 72 27 86 - 83 42 71
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

DISPARAM SOBRE NÓS DE VÁRIOS ÂNGULOS

Seria bom ficar para aqui a admirar o extraordinário trabalho da *Carmina Burana*, propositadamente realizado para a televisão. Seria bom assistir, mas com outra memória da realidade. A fruição da beleza, num mundo vergonhoso, chega a tomar as feições de um remorso.

Veio *Carmina Burana* depois de notícias e de imagens perturbadoras. Por vezes contraditórias. O Presidente da República deu-nos a sua mensagem que esteve longe de ser uma directiva de luta, de coragem, de esperança. E no entanto, o ano de 1975 foi um marco essencial na História portuguesa: foi o ano da Reforma Agrária e das nacionalizações, duas grandes conquistas da Revolução portuguesa. E no entanto, bastava ao Presidente da República incitar os portugueses à defesa, até ao limite das forças, dessas duas conquistas. E no entanto, não o fez. Já nem falo do exílio a que praticamente se encontra votada a palavra Socialismo. Tempos houve em que se repudiava, de todo o coração, a social-democracia. Bons tempos patrão!

. Calma!, não vamos já cair no saudosismo. É cedo, apesar de tudo. À reacção que avança neste momento falta-lhe conquistar a fortaleza da classe trabalhadora e pode, aqui, perder as esperanças.

Falava eu de situações contraditórias. Por exemplo: o Presidente, por um lado, referia-se ao bom curso que a Informação estava a tomar neste país. O general Costa Gomes não gosta de se servir da arma do humor, o que é natural, cada qual tem o seu género. Pelo que terei de concluir pela sinceridade das suas palavras, sinceridade que refira a essas palavras o indispensável gume real de que o humor guarda o segredo.

Disse mais o Presidente da República: que a Informação hoje está em condições de ser *escrupulosamente fiel à exigência da verdade objectiva.*

Dois apontamentos viriam, momentos depois, a projectar nova luz sobre estas palavras.

Um, foi a notícia de que a reportagem sobre a manifestação popular contra a prisão dos militares revolucionários, em Caxias, ficou incompleta porque os comandos tinham destruído a câmara de televisão que registava os acontecimentos. Facto sintomático: *os comandos* têm medo. Têm G-3, têm metralhadoras, têm *chaimites* — e têm medo. Têm medo que a opinião pública do País saiba o que eles fazem. Não querem o registo, a denúncia das suas acções. Querem a impunidade. O senhor Presidente, onde estão afinal as condições para que a Informação possa ser **escrupulosamente fiel à exigência da verdade** objectiva?

. Aceita-se que o coronel Jaime Neves aprecie mais uma moça de Rio Maior do que uma câmara de televisão. Mas daí a abrir-se caminho para a destruição de bens públicos vai uma distância infinita.- Então como é? Por um lado, aumentam as taxas de televisão, acenando com argumentos falaciosos, como por exemplo aquela história da Televisão a cor (senhor ministro, o senhor sempre me saíu um *ponto* muito colorido...) — e por outro lado destroiem-se câmaras de video... Para já, os comandos têm de indemnizar a RTP — e os pobres nem imaginam como vão abrir os cordões à bolsa...

A manobra de intimidação é nítida: a Televisão, prá outra vez, mete-se nas encolhas, não manda os seus repórteres, dão-lhe cabo do material — que já não é muito nem de boa qualidade — e viva a verdade objectiva, vivóóóóó!

Os telespectadores recordam outra imagem: o *comando* dá um pontapé, deitando-o por terra, a um fotógrafo que se aprestava para fazer um boneco.

Dá gosto assistir à forma gentil como neste país, hoje, se protegem os cidadãos e se defende o direito à Informação.

A inquietação popular mais se justifica em cada dia que passa.

A ILUSÃO E A REALIDADE

Até seria agradável de ver aquela rubrica dedicada ao ilusionismo, repetida ou não, pouco importa. Até seria se pudéssemos assistir de coração tranquilo e olhos limpos de raiva e de lágrimas. Aquele programa de alta manipulação e mistificação em que estive, a todo o momento à espera de ouvir tocar o *Grândola, vila morena.*

Mas como ver, quem poderá ter estado, a não ser como eu por dever de ofício, diante daquele televisor despreocupado depois de a própria televisão nos ter dito (sem uma palavra de enérgica reprovação...) dos mortos e feridos diante da prisão de Custóias...

Os nossos mortos. Esperávamos não termos mais mortos depois do 25 de Abril. Pensávamos que isso acabara com o fascismo. O nosso povo, depois do 25 de Abril, foi de uma generosidade sem limites; mas não há para ele, mesmo depois do 25 de Abril, a mesma generosidade. Por isso, a nossa gente continua a morrer. Por isso continuam a disparar sobre a nossa gente. A nossa gente cujo único crime é defender o 25 de Abril e os militares que lhe querem bem.

Os nossos mortos. E tudo o mais, que representa igualmente morte. Que é também uma forma de matar. A direita usa indistintamente a G-3 ou a Televisão. Pode mandar a um guarda-republicano que mate ou permitir a um pobre diabo chamado Nuno Coutinho que deforme a realidade. Pode suspender oficiais e soldados ou mandar para suas casas profissionais igualmente honrados. Pode expulsar o António Borga e readmitir a Alice Cruz...

Os nossos mortos. Disparam sobre nós, de vários ângulos e de diversas maneiras. Muitos vamos ficando pelo caminho. Ontem foram três ou quatro, não sei bem. Fico à espera do Telejornal derradeiro, para confirmar. Que não veio.

Os nossos mortos. As nossas raízes. Um espanto sem nome me amordaça. Esta raiva cuja sensação estava quase esquecida...

Madeira, noite de fim do ano

Transatlântico alemão abalroou navio russo

O navio soviético «Belorrusiya» foi abalroado pelo transatlântico alemão «Europa». Aconteceu no porto do Funchal, na noite de 31, poucos minutos antes da meia-noite. Não há notícias de vítimas, mas os prejuizos materiais elevam-se a milhares de contos

Ambos os navios transportavam turistas nórdicos que observavam, ao largo o espectáculo único da Madeira em noite de fim do ano. Todos os navios fundeados no Funchal se encontravam iluminados em arco lançando fogo de artifício.

O acidente viria a dar-se quando o «Europa» iniciou uma manobra perigosa e proibida, que consistiu numa audaciosa passeata por entre os outros barcos. A alegria esfusiante dos turistas foi subitamente interrompida por uma rajada de vento mais forte que atirou o navio contra o «Belorussiya», ddestruindo neste parte superior da proa. Faltavam 15 minutos para a meia-noite.

Apesar de tudo, ambos os navios continuaram operacionais.

A FLAMA NÃO CUMPRIU

Ao longo da noite de 31 era evidente a expectactiva de muitos madeirenses e alguns turistas já que a organização separatista Flama fizera constar que marcaria presença, algures, com o aparecimento da sigla (letras gigantes electrificadas) num ponto alto da ilha.

Muito boa gente perscrutava nos espaços escuros, mas da Flama não apareceram vestígios.

Entretanto, os hóteis da Madeira registaram uma ocupação estimada em 20 mil camas, muito superior, portanto, á que se observou em todo o continente, onde, de resto, os hóteis estão ocupados por retornados de Angola.

NA ALAMEDA D. AFONSO HENRIQUES (junto à Fonte Luminosa)
CIRCO MARIANO
O único circo português que representou Portugal no estrangeiro — EMPRESA: HENRY TONI
TODAS AS NOITES, às 21.30 horas ● SÁBADO, «Matinée», às 16.30 horas
DOMINGOS, 2 «Matinées», às 15 e às 18 horas
DIA 6 — Espectáculo às 16.30 e 21.30 horas — (ÚLTIMO DIA)
No CIRCO MARIANO não chove, há aquecimento e todas as cadeiras são estofadas
(As bilheteiras abrem às 17 horas. Dias de «Matinée», às 11 horas)
Atenção Colégios
● Comissões de Festas de Natal
PREÇOS ESPECIAIS
UM LUXUOSO ESPECTÁCULO
2 Parelhas de Palhaços, os Elizabeths e Campos Filhos ★ Escada Livre ★ Icaros ★ Malabaristas e Ilusionistas ★ Perchistas, etc., etc.
CONVIDADA DE HONRA
ANITA GUERREIRO
60 ARTISTAS! ★ 10 ATRACÇÕES!
CIRCO MARIANO apresenta a grande atracção mundial
PROFESSOR KARMA
e a sua medium BETTY, os maiores mentalistas do Mundo
MAIORES 6 ANOS
(Nas «matinées» as crianças até 6 anos têm entrada gratuita)

Aniceto Simões: um discreto 21.º na "São Silvestre" de São Paulo

O português Aniceto Simões classificou-se no 21.º lugar na «Corrida de São Silvestre», disputada na passagem do ano em S. Paulo (Brasil). Classificação dos 36 primeiros atletas a cruzar a meta: 1, Victor Mora (Colombia) 23 minutos, 13,2 segundos; 2, William Scott (Austrália), 23.30,4; 3, Franco Fava (Itália), 23.52,0; 4, Gary Bjorklund (E. U. A.), 23.57,8; 5, Karel Lismont (Belgica), 24.01,6; 6, Luiz Hernandez (Mexico), 24.05,0; 7, Detlev Uhlemann (Al. Federal), 24.12,0; 8, Rafael Tadeu Palomares (Mexico), 24.20,0; 9, Domingo Tibaduiza (Colombia), 24.21,0; 10, Gant Mac Laren (Canada), 24.28,0; 11, José Romão Andrade Silva (Brasil), 24.31,0; 12, Aluísio de Araujo (Brasil), 24.35,0; 13, Titus Mamombola (África do Sul), 24.38,0; 14, Eloy Rodrigues Shleder (Brasil), 24.40,0; 15, John Wigley (Inglaterra), 24.47,0; 16, Dan Glans (Suécia), 24.50,0; 17, Gaston Roelants (Belgica), 24.51,0; 18, Torghy Bjoqvist (Suécia), 24.55,0; 19, Marc Smeq (Belgica), 24.59,0; 20, Stanislav Hoffman (Checoslovaquia), 25.01,0; 21, Aniceto Simões (Portugal), 25.04,0; 22, Benedito Rubens da Silva Porto (Brasil), 25.05,0; 23, Lucilio Garrido Venezuela),, 25.06,0; 24, Kurt Werst (Suiça), 25.15,0; 25, Lasse Viren (Finlândia), 25.16,0; 26, Juan Carrizo (Argentina); 27, Ricardo Cindori (Bolivia); 28, Bengt Najde (Suécia); 29, Jean Flohic (França); 30, Goran Bengtsson (Suécia); 31, Wolfgan Krueger (Al. Federal); 32, Janos Torok (Hungria); 33, Anders Garderud (Suécia); 34, Luiz Carlos Ananias (Brasil); 35, Edward Mleczako (Polónia); 36, Stefan Vuvovic (Jugoslávia).

Mora manteve-se na dianteira quase desde o começo da corrida de 8,900 metros) e, ao fim dos primeiros cinco minutos, tinha um avanço de 100 metros. Percorridos três quartos da distância, o australiano Scott passou para a frente e Mora seguiu-o na passada, até desferir o golpe final que lhe permitiu cortar a meta com uma vantagem de 150 metros.

O colombiano que estabeleceu um novo «recorde», com o tempo de 23.13,02 minutos (o anterior, 23.24,2 — pertencia-lhe desde 1972), declarou no fim da competição:

«Dedico a minha vitória ao presidente do meu país, a todos os colombianos, a minha mulher e aos meus filhos, como um presente de Ano Novo.»

Entre as mulheres (que este ano participaram pela primeira vez na clássica prova), a melhor das 14 concorrentes foi a alemã-ocidental Christa Vahlensiech. Eis a classificação:

1, Christa Valensieck (Alemanha), 28 m. 39 s.; 2, Jackeline Hansen (Estados Unidos), 29.51; 3, Eva Gustafsson (Suécia), 31.02; 4, Iris Fernandez (Argentina), 31.20; 5, Mara Fuhrman (Brasil), 32.53; 6, Jeanine Piroux (França), 33.38; 7, Rosa Maria Aparecida de Souza (Brasil), 33.42; 8, Lidia Hotel (Brasil), 34.05; 9, Sigrun Schumacher (Alemanha), 34.28; 10, Marlene Morsch (Brasil), 37.25 e 11, Isabel Chaves (Brasil), 38.03.

Os atletas quenianos abandonaram a «Corrida de São Silvestre» devido á participação sul africana.

Ao anunciar a decisão, o treinador da equipa queniana (Ratan Singh) declarou que Michael Musyoki e James Kiphgtich «não participarão devido á política sul-africana do «apartheid».

O único concorrente sul-africano, entre os 246 atletas de 33 paises foi Titus Momambola, que é negro. Mas, Singh declarou: «O facto de Mamombola ser negro não faz diferença porque representa a federação sul-africana de atletismo.»

Em ambiente de festa, concluiu-se ontem, no Estádio de Alvalade, o «Torneio de Futebol Natal-Ano Novo-1000», que redundou em belo êxito de massificação desportiva e constituiu um «brilharete» para o departamento sportinguista que meteu ombros à iniciativa. Os moços que levaram a palma à concorrência vieram do Montijo: representaram a firma «Cancela» e, aqui os vemos, compenetrados do seu papel, já a erguerem a taça que lhes foi entregue por Gonçalo Rocha, filho do presidente dos «leões».

Portugal

Começa amanhã a disputar-se a «Taça de Portugal», em hoquei patinado. Jogos referentes à pré-eliminatória nortenha: Termas-F. C. Porto, Oliveirense-Académico de Braga, Riba d'Ave-Vianense, Académico do Porto-Carvalhos, Infante de Sagres-Minas da Panasqueira, Vilanovense-Coral de Fanzeres e Estrela Vigorosa-Sanjoanense. Encontros da pré-eliminatória sulista: Sporting de Tomar-Paço de Arcos, Comércio-Hóquei de Sintra, Juventude Salesiana-Sotto Mayor, Benfica1 Académica da Amadora e Sesimbra-Torres Vedras.

Também no primeiro sábado de Janeiro deste novo Ano tem lugar a 8.ª jornada do campeonato nacional da 1.ª divisão, em andebol de sete, com os seguintes embates: Beira Mar-CACO, Boa Hora-Vitória de Setúbal, Sporting-Passos Manuel, Técnico-Belenenses, Almada-F. C. Porto e S. Mamede-Benfica.

A jornada de abertura do campeonato nacional de voleibol (seniores masculinos) está ordenada para amanhã, com os embates que indicamos: Espinho-Leixões, Povoa-Castelo da Maia, F. C. Porto-Esmoriz, CDUL-Académica de Coimbra, Escola de Peniche-Nacional de Ginástica e Técnico-Benfica.

Nota desagradável: a suspensão, por seis meses, da actividade andebolística de António (Tony) de Almeida Bessone Basto, actual jogador da Liga de Melhoramentos e Recreios de Algés. O castigo foi aplicado pela Federação da modalidade.

Para a «Comissão de conflitos», da Federação de Râguebi, foram indicados os seguintes elementos: dr. José Miguel Nobre Ferreira, dr. Roger Benett da Cunha Lopes, Mário Figueiredo Ferro, Manuel Rosendo Cabral, António Cândido Vaz Carneiro, Inácio Jorge Mendes da Silva, Miguel Camargo de Sousa Eiró, Henrique Luís Sales Henriques, José António Freire da Fonseca, Nuno Henrique Nobre Januário de Figueiredo, João Eduardo de Carvalho Caetano Nunes, José Manuel Rodrigues Caneças de Morais e Armando José Carapinha Oliveira.

Os jogos de râguebi Benfica A-Direito B e Técnico A-Medicina, adiados na 1.ª ronda da prova nacional de seniores, terão de ser efectuados até ao dia 26. Ainda de râguebi: reunião dos delegados das equipas, no Comité Regional de Lisboa, na noite de 6 do corrente mês.

Norte-Sul futebolístico

Neste primeiro domingo de 76, vamos ter um significativo encontro entre o Norte e o Sul, em futebol: a contar para a última jornada da primeira «volta» do campeonato maior, o Boavista segue até Alvalade, enquanto o Benfica se desloca às Antas. A propósito destes encontros, cujos desfechos podem imprimir uma nova e (talvez) decisiva directriz nos destinos de autênticos pretendentes ao título, valerá a pena divulgar o que alguns dos intervenientes nortenhos pensam dos jogos em que irão participar.

Assim, e pelo lado boavisteiro, José Maria Pedroto, continua calmo e a reconhecer que o embate de Alvalade é **apenas** *um jogo mais na maratona de um torneio bastante duro*. Reconhece, um valor de qualidade, no Sporting tecendo rasgados elogios a Juca e ao trabalho que tem vindo a desenvolver. Não esquecendo a forma pouco objectiva como a turma dos «leões» principiou este campeonato, Pedroto antevê *um digno espectáculo futebolístico de resultado imprevisível*. Até porque exibições como a de sábado passado (Bessa) não acontecem todas as semanas...

Ainda do lado «axadrezado», não deixa de ser curiosa a convicção do mais recente «internacional» do Bessa: Tai não esconde a ninguém a *certeza* que tem de ir a Alvalade pontuar o que, automaticamente, deixa antever a invencibilidade do Boavista, no final da primeira rodada. Para Tai, jogar em Alvalade, no Bessa, nas Antas ou na Luz é, precisamente, a mesma coisa...

Alves (o homem das luvas pretas) está, igualmente, convencido de que ainda não vai ser desta que a bela carreira dos «axadrezados» será desfeita: está plenamente convencido de que vão pontuar no campo do Sporting, para depois receberem o Benfica e pensar (melhor: começarem a pensar) *na possibilidade da conquista*.

Por seu turno, Salvador o brasileiro que está ao serviço do Boavista, acredita na hipótese de a turma não sair derrotada de Alvalade. Até porque a equipa *sabe* jogar com os *grandes*...

Mas, há um grande ausente am Alvalade: Celso que não poderá ainda dar o seu contributo ao «onze». Efectivamente, uma tendinite teima em procurar, jogador mas, também, o seu técnico e a equipa clínica. Celso continua fora do «team», o que no domingo poderá ajudar o Sporting a fazer aquilo que nenhuma outra equipa ainda fez: derrotar o Boavista.

STANKOVIC É UM HOMEM MUDO

Procuramos também auscultar as opiniões do técnico jugoslavo do F. C. do Porto, em relação ao jogo previsto para as Antas. Stankovic (porém) teima em permanecer mudo perante a maioria das reportagens.

Nessas circunstâncias, será de valia transmitirmos aos nossos leitores a ideia que baila na mente do dirigente «portista Alfredo Borges: *Vai ser um belo espectáculo, bastante importante para o Benfica que vai tentar adivinhar o que se passa em Alvalade. Mas, igualmente importante para o F. C. do Porto, que vê neste encontro a hipótese de contrabalançar a má impressão que tem vindo a oferecer aos seus adeptos*. Efectivamente, este encontro com o Benfica significa *apenas* isto para o conjunto das Antas: ou a partida para uma recuperação ainda possível ou a derrocada de todas as últimas esperanças.

Oliveira afina pelo mesmo diapasão. Considera este duelo como definitivo para a carreira da sua equipa neste campeonato.

O jogo F. C. do Porto-Benfica será considerado *dia do clube*: isso significa que o tesoureiro do clube vai ter muito que contar. Isto, apesar da arquibancada não estar ainda em condições de albergar alguns milhares de eventuais espectadores que terão de ficar de fora por falta de lugares. A obra era para estar já concluída: mas, ainda por dificuldades surgidas na fase de acabamento, está interdita. É assim que o Estádio das Antas dispõe apenas de 6 mil «peões», muito pouco para a procura de lugares verificada. Nota curiosa: o orçamento da construção da bancada orça os 29 500 contos. E, nesta altura, bom jeito fazia estar já concluída.

Voltando aos jogos mais importantes deste domingo: Norte e Sul em competição directa, logo ao abrir 1976. O começo do ano da melhor forma, desde que a disciplina prevaleça nos palcos.

ASSIM VAI O TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 18, DE 4 DE JANEIRO DE 1976

	RESUMO			BOLAS			(a)
	1	X	2	1	X	2	
1. SPORTING-BOAVISTA	35	15	4	8	3	1	
2. CUF-LEIXOES	43	9	2	9	2	1	
3. BRAGA-BEIRA-MAR	45	8	1	9	2	1	
4. FARENSE-ATLÉTICO	46	6	2	10	1	1	
5. ACADÉMICO-GUIMARAES	11	22	21	2	5	5	
6. UNIAO TOMAR-SETÚBAL	23	26	5	5	6	1	
7. PORTO-BENFICA	21	25	8	5	5	2	
8. FAFE-CHAVES	25	16	13	5	4	3	
9. ALBA-FAMALICAO	20	14	20	5	2	5	
10. MONTIJO-CALDAS	41	12	1	9	2	1	
11. JUVENTUDE-PORTIMONENSE	19	22	13	4	5	3	
12. PENICHE-BARREIRENSE	29	18	7	6	4	2	
13. ALMADA-MARITIMO	26	22	6	6	5	1	

a) Nos termos do Art.º 10.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A chave lógica será:

111 1XX X11ou2 1X11

O Algarve — 1x1 12x 112 1x11; Boa Nova — 111 12x x11 11x2; Cavalgada do Ritmo — 111 1xx 2x1 1x11; O Distrito de Setúbal — 211 121 21x x22x; Rádio Totobola — 1x1 xx1 1x2 111x; Música e Desporto — 12x 1x1 xx1 1xx1; O Concelho de Estarreja — x11 111 21x xxxx; Correio de Coimbra — 111 121 21x 111x; Ecos do Desporto — xx2 121 x12 x1x1; A Defesa — 11x 11x x21 1111; Diário de Lisboa — 111 xxx x22 1xxx; Ecos de Cacia — 111 1xx x11 1211; Estrela da Manhã — x11 121 x22 12x1; Eu Sei Tudo — 111 111 12x 1x11; Folha do Domingo — x11 1xx 211 1x11; Jornal da Beira — 1x1 1xx 112 111x; O Jornal de Felgueiras — x11 12x 1xx 1211; Jornal de Sintra — xx1 111 x1x 1x21; O Mensageiro — 111 122 1x1 1xx1; Linhas de Elvas — 111 121 111 xxx1; Litoral — x1x 12x x11 1x21; Mundo Desportivo — 111 12x 1x2 1x1x; O Norte Desportivo — 111 12x 112 x221;

Notícias de Évora — 111 1xx 1x2 11xx; Notícias de Felgueiras — 11x 1x2 xxx 1xxx; Notícias de Guimarães — 111 121 x12 x2xx; Presença Coimbrã — x11 1x1 22x 1x1x; Rádio Altitude — 111 1xx x11 111x;

Renovação — 111 12x 112 121x; Encontro Musical — x11 121 xx1 1211; Auto Rádio — x2x xxx 2x2 xx11; Clube do Ar — 111 1x2 x1x 12xx; O Comércio de Leixões — 1x1 121 xx2 x1x2; Às 10 espere por nós — xx1 2x1 xxx 1x1x; Diário do Porto — x11 11x 111 1x1x; Estúdio 64 — 111 1x1 122 122x;

Dos fracos não reza a história — 21x 1xx 222 x2x2; Jornal da Graça — 111 111 122 1111; Jornal de Notícias — xx1 1xx xx2 1x22; Placard Desportivo — xxx 21x 1xx 1xxx; O Primeiro de Janeiro — 211 x21 x22 xx1x; Programa Sem Nome — 111 11x 121 x121; Quadrante Desportivo — 111 xx1 11x 11x1; Quadrante Norte — 111 11x 111 2111; Panorama — 21x 1x2 xxx x112; Rádio Placard — 111 111 111 1111; Rádio Sports — 111 121 111 1111;

Repórter do Dia — 111 121 x21 12x2; Resenha Desportiva — x11 1xx x22 1x1x; Ritmo e Amizade — 111 1xx x11 1x11; A Voz dos Ridículos — 111 x21 111 1111; A Voz do Casa Pia — 111 12x xx2 121x; A Voz do Domingo — 111 1x2 x2x 11xx; Voz de Lamego — 111 11x x11 1111.

Geral

McGovern em S. Bento

O Primeiro-Ministro Pinheiro de Azevedo recebe esta tarde, desde as 15 horas, o senador norte-americano George McGovern, que se deslocou novamente ao nosso país em missão de informação. Desconhecem-se pormenores da agenda.

Entretanto poderia ocorrer às 18 horas a posse do novo ministro dos Assuntos Sociais, dr. Rui Machete (P.P.D.), substituto do dr. Sá Borges. Sobre este ponto não pudemos obter qualquer confirmação. Em todo o caso a posse deverá rodear-se de um mínimo de formalismo.

Tarifas postais também aumentam

A agravar a situação económica do trabalhador português, que este ano se vê a braços com uma série de aumentos dos bens essenciais de consumo como consequência da aplicação das medidas de austeridade do VI Governo, surge agora a subida das tarifas dos C. T. T. A medida é tomadas de acordo com a resolução do Conselho de Ministros que, «considerando que a Empresa Pública Correios e Telecomunicações de Portugal tem vindo a apresentar, desde 1973, uma situação deficitária que tem tendência a agravar-se de modo substancial; considerando que o desequilíbrio da conta de exploração terá sérias consequências no nível de serviços a prestar e no funcionamento da empresa», determina que seja fixada para correspondências por via terrestre e marítima uma nova tabela tarifária.

Desses aumentos salientamos aqueles que, de um modo geral, mais frequente e directamente entrarão na bolsa do português: selos de carta de formato normalizado passar a custar 3$00; bilhetes postais, 2$00; pacotes postais, até 100 gramas, 3$50.

O aumento da gasolina, entretanto, começa já a sentir-se, e de que maneira. Não são apenas os 17$50 por litro de gasolina «super» e 15$00 da normal para os que se deslocam em carros particulares. É o aumento dos transportes públicos que atinge toda a população. Assim, os bilhetes de eléctrico, em Lisboa custam agora 2$00 e 4$00, enquanto os de autocarro sobem para 2$00, 4$00 e 6$00. Os «passes», no entanto, quer de eléctrico quer de autocarro, ficam ao preço unitário 225$00.

Os bilhetes simples de metropolitano custam 3$50 e os de correspondência, 4$00; as cadernetes de 10 bilhetes, 27$50. Quanto aos táxis, a bandeirada passou a ser de 6$00 e as frações de $60. Para já, no primeiro dia, queixam-se os motoristas de que os fregueses fogem à gorgeta; depois, o facto de os taxímetros não estarem ainda aferidos para a tabela em vigor, faz uma certa confusão...

Os transportes Colectivos de Coimbra e Porto subiram para 2$00, 4$00 e 6$00. O preço por zona dos «trolleys» (transporte colectivo que não existe em Lisboa) é elevado para 2$00. Os transportes colectivos extraurbanos destas cidades aumentaram em cerca de 40 por cento.

Relativamente aos transportes fluviais, que no caso da Margem Sul do Tejo transportem diariamente milhares de trabalhadores para Lisboa, são os seguintes os aumentos: Terreiro do Paço-Alcochete, de 10$00 para 16$00; Terreiro do Paço-Montijo, de 10$00 para 14$00; Terreiro do Paço-Seixal, de 6$00 para 10$00; Terreiro do Paço-Cacilhas, de 2$20 para 3$50; Belém-Trafaria, de 3$50 para 5$00.

Dentro do aumento da gasolina é preciso referir que os turistas irão provavelmente pagar apenas 12$00 por litro deste combustível enquanto não ultrapassarem os 400 litros. Não foi, ao que consta, tomada qualquer decisão nesse sentido, mas também «consta» que a proposta terá sido feita.

OUTROS AUMENTOS

O Conselho de Ministros decidiu ainda, dentro das medidas de austeridade para este ano, o encarecimento da taxa de televisão, que passa a ser de 480$00 e 540$00 para o Continente, consoante o valor de aquisição do aparelho, mantendo em 360$00 a taxa em vigor nas Ilhas Adjacentes.

A subida de água em Lisboa está também iminente, encontrando-se já em Viana do Castelo o novo preço do consumo mínimo, que passou de 3$50 para 5$00, enquanto o aluguer passou para 10$00.

As taxas de transação sobre artigos importados ou de luxo vão ser também extraordinariamente agravadas. Assim, serão de 20 até 80 por cento os aumentos relativos aos automóveis e, por exemplo, ao «whisky». Em 40 por cento serão agravados os barcos e aviões de recreio. Sobem também a contribuição predial e o imposto sucessório.

PRODUTOS ALIMENTARES

No que se refere aos produtos alimentares básicos, alguns aumentos poderão verificar-se nos próximos dias, como é o caso do azeite, dos cereais, a carne, o leite, etc. No entanto, e de acordo com o Gabinete do ministro das Finanças, as insenções tributárias neste sector manter-se-ão, e «nos casos em que se verificarem agravamentos, estes serão mínimos, para que não haja sensível alteração dos preços actuais».

Um aspecto digno de referência é a especulação de preços praticada em certos mercados, na quadra festiva,. Estão neste caso, a carne, que chegou a ser vendida a 140$00 o quilo, os víveres, o peixe e os mariscos. A par da confusão gerada á volta dos aumentos, esta situação foi propiciada pela carência de géneros no mercado nesta quadra, subordinando-se os produtos postos à disposição dos consumidores, à lei da oferta e da procura.

Os preços actuais de alguns produtos essenciais, há dias tornados públicos pela Direcção-Geral dos Preços ainda se mantêm em vigor, não se sabe por quantos dias, porquanto, como já referimos, novos agravamentos estão iminentes.

Para esclarecimento dos leitores, seguidamente apresentamos alguns dos preços máximos de venda ao público ainda praticados no mercado:

. Açúcar-granulado, 22$50 o quilo; refinado corrente 21-40. Arroz (embalado) carolino, de 1.ª, 15$00; gigante, de 1.ª, 13$50; gigante de 2.ª, 12$50. Azeite — tipo comercial extra 63$00 e 59$00 o litro, conforme a graduação; e tipo comercial fino, 57$50. Bacalhau — especial, 90$00 o quilo; graúdo, 85$00; crescido, 80$00; corrente, 60$00; miúdo, 45$00; e sortido, 40$00. Bolachas e biscoitos (em pacotes) — torrada, 28$00 o quilo; «Maria», 32$80; água e sal, 31$50. Carne de bovino — lombo, preço livre; carne de 1.ª, sem osso, 100$00; com osso, 75$00; de 2.ª, 64$00 e 48$00, respectivamente; de 3.ª categoria, 48$00 e 36$00; língua, 80$00; rim limpo, 80$00; gordura, 4$00. Carne de borrego — costeletas, 100$00; perna, 100$00; mão, 95$00; peito, aba e cachaço, 73$50; rim limpo, 80$00. Cabrito — perna, 102$00. Carneiro — perna, 69$90; pá, 64$80; lombo, 78$80; costeletas, 78$80; peito, aba e cachaço, 49$80; rim limpo, 80$00. Carne de porco — limpa, 96$00; com osso, 69$80; costeletas dianteiras, 91$80; costeletas do lombo, 91$80; entrecosto, 62$00; lombo limpo, 120$00. Vitela — 1.ª s/osso, 150$00; costeletas de lombo, 130$00; costeletas do fundo, 98$00; cachaço, chambões e restos da pá, 100$00 (sem osso) e 80$00 (com osso); peito, 88$00 e 76$00; língua limpa, 100$00; fígado e rim, 100$00. Leite — nos postos de abastecimento, 6$00 o litro; ao domicílio, 6$30. Manteiga pasteurizada — meio sal 56$00; sem sal, 58$00; não pasteurizada, meio sal, 52$00; com sal, 50$00. Óleos — de amendoim, 34$50 o litro; de soja, 31$50; restantes óleos extremes, 34$50. Queijo flamengo, 75$00 o quilo. Sal, 2$00.

Chile de um ano para o outro

Continuação da pág. 3

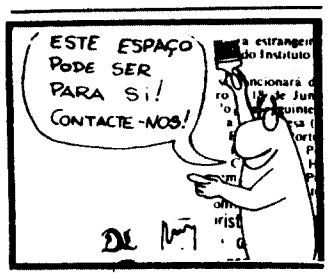
foi confrontada com ele. Por sua vez, vários chilenos saídos da prisão afirmam ter identificado Alphonse-René, seu antigo companheiro de estudos, a 20 de Janeiro de 1975, pelas 15 horas e 30, à chegada dos veículos da DINA ao campo de Tres Alamos, antes de ele dar entrada no pavilhão e.

Sintetizei as informações que obtive e enviei-as à Embaixada do Chile, a 9 de Julho de 1975. O encarregado de negócios, Tomas Vasquez, ainda interino, respondeu-me a 23 do mesmo mês. Copio o seu texto: **Tive o prazer de o receber e de lhe dizer de viva voz que todos os inquéritos efectuados pelos nossos serviços mostraram amplamente que o senhor René Chanfreau nunca foi preso nem mantido em qualquer prisão.**

Os horríveis sofrimentos físicos e morais de Erika e da família, assim como o seu pesadelo imenso, não me permitem calar-me durante mais tempo. Já que os outros recursos não servem, é preciso que a opiniião pública saiba o que se passa e que esta terrível paródia termine.

( ) Bispo auxiliar de Paris, nascido no chile

© Le Monde



tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava limpo e o vento era fraco de Leste e havia neblina na região de Bragança.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	4º
COIMBRA	5º
PORTALEGRE	9º
LISBOA	7º
FARO	12º
FUNCHAL	15º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Braga e Tavira
Máxima 14,8º
Pedras Salgadas
Mínima 0,4,6º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 12,º
Atmosfera..... 6,5º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
4.30	4,3 m	10.13	0,8 m
16.57	4,0 m	22.24	09 m
Dia 3			
5.12	4,3 m	10.52	0,8 m
17.37	4,0 m	23.02	0,9 m
Dia 4			
5.51	4,2 m	11.29	0,9 m
18.16	3,9 m	23.39	1,0 m

PREVISÃO GERAL ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente limpo; vento fraco ou moderado de Leste nas regiões do Sul condições favoráveis à ocorrência de geada pela madrugada nas regiões do interior.

AMANHÃ

NASCER AS 8.55
OCASO AS 18.26

DIA 9 | DIA 17 | DIA 24 | DIA 31

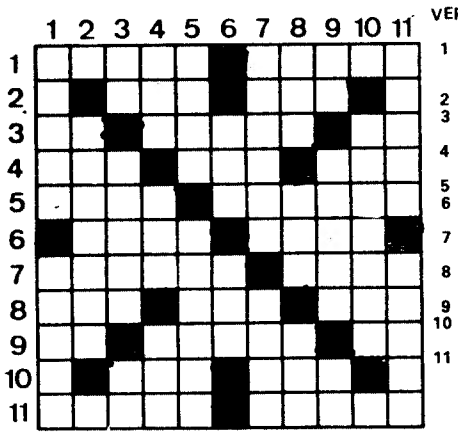
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 11259

HORIZONTAIS:

1 Cominatório. Da Rússia.
2 Pronome pessoal. Estima.
3 Preposição latina que designa movimento. Lago do Estado do Amazonas. Berilo (s.q.).
4 Prefixo que designa terra. Milho torrado que se reduz a pó temperado com azeite de cheiro e mel de abelhas. Ruins.
5 Emir. Sentinela avançada.
6 Rezes. Apre!
7 Incineram. Palmeira da Amazónia.
8 Cabelos brancos. Sistema montanhoso de Marrocos. Um milhar.
9 Vi. Transferem para outro dia. Autores.
10 Arara. Ves.
11 Ocasiões. Peixe do género siluro.



VERTICAIS:

1 Capital da Checoslováquia. Duzentos e cinquenta e quatro em romano.
2 Conjuncão. Retardai.
3 Neon (s.q.). Des oiro a. Esquadrão.
4 Fileira. Coisa (nt.) Medida de superfície.
5 Apelido. Nome de peixes.
6 Passai. Mil e dois em romano.
7 Que tem muitos ramos. Declara.
8 Artigo indefinido. Acreditei. Espaço de trinta dias.
9 Sadia. Fortificam. Isolado.
10 Reunião. de peças de artilharia.
11 Ardente. Inundo.

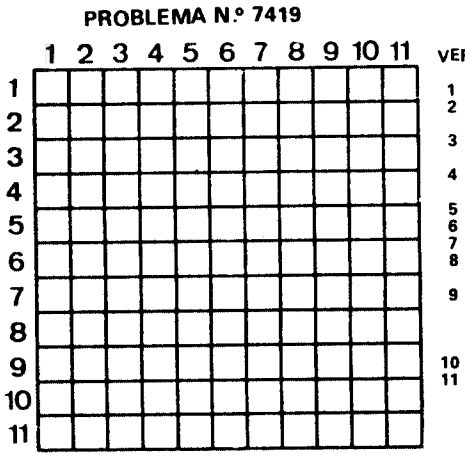
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7419

HORIZONTAIS:

1 Superfície plana delimitada. Freguesia do concelho de Barcelos.
2 Armação de pesca do atum.
3 Cinquenta e cinco em romano. Espécie de andorinha. Mil e cinquenta em romano.
4 Extremidade do braço. Rezo. Nome de astro.
5 Nome de mulher. De preço elevado.
6 Domina.
7 **Ecoai. Causa amuo a.**
8 Em partes iguais. Ladeira. Mil e cem em romano.
9 Restar. Mano.
10 Venere. Indivíduo de casta nobre.
11 Curam. Gorgulhos tropicais.



VERTICAIS:

1 Espíritos. Azáfamas.
2 Tempo do verbo ir. Exportação.
3 Batráquio. Aversão. Coragem.
4 Pronome pessoal. Poisara no mar (o avião).
5 Bisnaga. Falarem.
6 Divida em ruas.
7 Nome de homem. Rouba.
8 Enguia. Bengala de junco muito flexível (bras.).
9 Rádio (s.q.). Apelido da mãe de Luís Camões. Comuna rural autónoma, na Rússia.
10 Maior. Amargo.
11 Cidade da Escócia. Filtres.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11258

HORIZONTAIS:

1 GUARDA. QUE.
2 Unia. Acurar.
3 Átrio. Med.
4 Ra. Ali. Riam.
5 Dl. Ra. Terno.
6 Usmai. Ala.
7 Ab. Ms.
8 Haia. Eu. Aio.
9 Amo. Iriaras.
10 Coa. Mar.
11 ENCONTRARÁS.

VERTICAIS:

1 Guardunha.
2 Untais. Amen.
3 Air. Maio.
4 Raiara. Co.
5 Olaia. Ion.
6 Aa. Berat.
7 Cm. Ta. Ui!
8 Querela. Am.
9 Urdira. Arar.
10 Ea. An. Miara.
11 Remorsos.

PROVÉRBIO: Guarda que encontrarás.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7418

HORIZONTAIS:

1 Haiti. Jabea.
2 Ámio. Eosi.
3 Lll. Aar. Ita.
4 Im. Am. És. Ar.
5 Soito. Garoa.
6 Cal. Ara.
7 Amarguradas.
8 Maria. Arara.
9 Br. Ar. Ma. Am.
10 Até. Amo.
11 Re. Saltaras.

VERTICAIS:

1 Halis. Ámbar.
2 Amimo. Marte.
3 Ill. Içar.
4 To. Ataria.
5 Amolgar.
6 VA. Pl.
7 Regaram.
8 Ac. Sarara.
9 Boi. Rada. Ar.
10 Estão. Aramá.
11 Aiara. Samos.

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO F-1
ATÉ ÀS 22 HORAS

ALVALADE
Neoterapia, Campo Grande, 138, (Telef. 774682); **Estados Unidos**, Avenida Estados Unidos da América, 16-B, (Telef. 725859).
AMOREIRAS
Pátria, Calçada dos Mestres, 30-A, (Telef. 680627).
AVENIDAS NOVAS
Fátima, Avenida 5 de Outubro, 147-A, (à Avenida Barbosa du Bocage), (Telef. 763107).
BAIRRO ALTO
Oliveira, Rua D. Pedro V, 123, (Telef. 327880).
BAIXA
Normal, Rua da Prata, 220, (Telefs. 321342-325553).
BENFICA
Lavinha, Rua Eng. Paulo de Barros, 28-A, (à Rua do Casquilho, (Telef. 708242).
CAMPO DE OURIQUE
Condestável, Rua Coelho da Rocha, 119, (Telef. 666206).
CARNIDE
Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33, (Telef. 780181).
CASTELO
Ziler, Rua S. Tomé, 54, (Telef. 862835).
LAPA
Pinheiro, Rua Presidente Arriaga, 16, (Telef. 691054).
LUMIAR
S. Tomé, estrada do Desvio, Lote 12-C, (Telef. 790704).
RESTELO
Belém, Rua Tristão Vaz, 10-A, (à encosta do Restelo), (Telef. 612248).
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Novais, Avenida Luís Bivar, 11, (Telef. 44324).

TURNO F-2
TODA A NOITE

ALCÂNTARA
Dilena, Rua Aliança Operária, 49-A/B, (Telef. 636620).
ALTO DE S. João
Nova Luz, Rua D. Domingos Jardo, 28-A, (à Avenida D. Afonso III), (Telef. 843439).
ARCO DO CEGO
Palma, Avenida Duque de Ávila, 25-31, (Telef. 47088).
AREEIRO
Vera Cruz, Praça Afrânio Peixoto, 2-B (à Avenida S. João de Deus), telef. 724941).
ARROIOS
Antolin, Av. Alm. Reis, 88-C (tel. 721773).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Zira, Praça das Casas Novas, Lote 66, (Telef. 310172).
BENFICA
Sousa, Estrada de Benfica, 429, (Telef. 780027).
CAMPO DE OURIQUE
Ivone, Rua Silva Carvalho, 232-C, (Telef. 650760).
CONDE DE REDONDO
Contemporânea, Rua Conde Redondo, 26/30, (Telef. 45048).
ESTRELA
Aurélio Rego, Calçada da Estrela, 139, (Telef. 661758).
LUMIAR
Matos Viegas, Avenida Rainha D. Amélia, 34-B, (Quinta das Mouras), (Telef. 794174).
PENHA DE FRANÇA
Branquinho, Rua de Sapadores, 87, (Telef. 842725).
PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B, (Telefs. 720703-728395).
S. PAULO
Ultramarina, Rua de S. Paulo, 99, (Telef. 321771).
XABREGAS
Romana, Rua Actor Augusto de Melo, 7-A, (Telef. 383800).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Almeida Nifo, Av. C.G.Guerra, 64 (T.21120706)
PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Patrão Lo es, 4 (T.2432039). Até às 22 horas
OEIRAS
Central, R.Conde Ferreira, 29 (T.2430058). Toda a noite
CARCAVELOS
Central. Toda a noite
PAREDE
Grincho, Av. da República, 87 (T.2471204). Toda a noite
ESTORIL
Amoreira. Até às 22 horas
MONTE ESTORIL
Suíça, Cruzeiro (T.260085). Toda a noite
CASCAIS
Misericórdia, R.Regimento 19, 41 (T.280141). Até às 22 horas: **Cascais**, R.Conde de Monte Real, B.das Caxas (T.282407). Toda a noite

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo, P.D.João I, 9-B (T.932756); **Central**, Av. Cardoso Lopes, 25 (T.932210); **Igreja**, P.da Igreja, 22-A (T.937740); **Jardim**, Av. Conde de Oeiras, 120, Reboleira (T.938424)
DAMAIA
D.João, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T.970461)
VENDA NOVA
Nova, R.Elias Garcia, 10 (T.972530)
QUELUZ
Queluz, Av. Miguel Bombarda, 123-A (T.951841)
CACÉM
Rodrigues Garcia, Av. dos Bons Amigos, lote 5-D
MEM MARTINS
Miranda Garcia, E.de Mem Martins, 173-B (T.2914103)
S.PEDRO DE SINTRA
Valentim (T.980456)
SINTRA
Simões, Estefânia (T.2930832)
COLARES
Abreja (T.299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L.António dos Santos Jorge, 15 (T.234100)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R.Cândido dos Reis, 30 (T.204020)
ALMADA
Magalhães, R. Capitão Leitão, 8-B (T.2750242)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, E.Nacional, 178-B (T.2040302)
BARREIRO
Higiene, R.D.Manuel I, 178 (T.2073017)
COVA DA PIEDADE
Rainha Santa, E.das Barrocas, 50-A (T.2494182)
MOITA
União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T.239029)
MONTIJO
Montepio, R.Almirante Reis, 93 (T.2310035)
SESIMBRA
Leão, Av. da Liberdade, 13 (T.2233471)
SETÚBAL
Rosado Pinto, P.do Bocage (T.22484); **Nova**, R.General Gomes Freire (T.22052)
SEIXAL
Soromenho, R.Paiva Couthinho, 38 (T. 2218560)

PORTO

TURNO21

campos, Rua Padre Luís Cabral, 943- Foz; **Alves Moreira**, Avenida Rodrigues de Freitas, 167; **Clérigos**, Rua dos Clérigos, 36; **Cruz**, Rua de Costa Cabral, 1082; **Maia**, Rua do Campo Alegre, 192; **Monte dos Burgos**, Rua do Monte dos Burgos, 802; **Aliança**, Rua da Conceição, 2; **Botelho**, Rua da Alegria, 863; **Estácio**, Rua Sá da Bandeira, 120; Guanari, Rua Pedro Hispano, 367; **Menezes de Lima**, Pr. Dr. Pedro Teotónio Pereira, 227; **Lidador**, Rua do Lidador, 171.

A PARTIR DAS 22 HORAS

Lidador, Rua do Lidador, 171; **Estácio**, Rua Sá da Bandeira, 120; **Botelho**, RRua da Alegria, 863 3 **Maia**, Rua do

COIMBRA

Adriana, P.da República, 22 (T.23609); **Olivais**, R.Bernardo de Albuquerque, 159 (T.22804); **Universal**, P.8 de Maio, 35 (T.23744)

cinemas ● cinemas ● cinemas

CASTIL
T. 530194 — 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
Muitíssimo atrevido
METE O TEU DIABO NO MEU INFERNO!
António Cantafora, Mellinda Pillon

IMPÉRIO
T. 555134 — 15.15, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
Lando Buzzanca e Rossana Palesta em
CASAMENTO DO PADRE
Colorido
4.ª Semana

ROYAL
T. 865037 — 21.30
Para todos
UM POR TODOS... TODOS POR UM

POLITEAMA
T. 326305 — 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30
Interdito a menores de 18 anos
METE O TEU DIABO NO MEU INFERNO

VOX
T. 720808 — 15.15, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
YUPPI DU
O filme começa 5 minutos após o início do espectáculo

ROMA
T. 727778 — 15.30, 18.30 e 21.15
Para todos M/6 anos
OS MALUCOS VÃO À GUERRA
Com Les Charlots

CALEIDOSCÓPIO
T. 795093 — 14.00, 16.30, 19.00 21.15
Para todos M/6 anos
Walt Disney productions
UMA ILHA NO TECTO DO MUNDO
A aventura para além da imaginação
5.ª Semana

EDEN
T. 320769 — 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
Charles Bronson
Juri-jurado-executor
O JUSTICEIRO DA NOITE
Um filme de Michael Winner
3.ª Semana

ODEON
T. 326283 — 15.15, 18.15, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
6.ª Semana de êxito total (colorido)
A comédia de sexo e de pecado à solta
COMO CAÇAR UM MARIDO
Contém cenas eventualmente chocantes
Um festival malandrices «secretas»

APOLO 70
T. 763319 — 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
A história de Fernão Capelo Gaivota
A AVENTURA, A PERFEIÇÃO: A LIBERDADE
Um filme de Hall Bartlett
Hoje às 24 h (Grupo D. M. 18 anos)
A REGRA DO JOGO

CASINO ESTORIL
T. 26 4621 — 17.00, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
AS IRMÃS

S. JORGE
T. 54153/4 — 15.15, 18.15, e 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
JEREMY, O PRIMEIRO AMOR
Palma de Prata no Festival de Cannes — 2.ª Semana

RESTELO
T. 610375 — 21.00
Não acons. a menores de 18 anos
A ÚLTIMA GOLPADA

AVIS
T. 47163 — 15.30, 18.30, 21.15
Para todos maiores de 6 anos
OS MALUCOS VÃO À GUERRA
4.ª Semana

ESTÚDIO
T. 555135 — 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
BRINCANDO COM O FOGO
4.ª Semana

ESTÚDIO 444
T. 779095 — 14.30, 16.45, 19 e 21.15 h
Interdito a menores 18 anos
O RALLYE DAS GOZONAS
Este filme contem cenas event. chocantes

D. JOÃO V — DAMAIA
Tel. 971794 — Às 21.00
Interdito a menores de 18 anos
A PISTOLA
Ajuste as contas entre dois «gangsters»!

CARLOS MANUEL — SINTRA
Tel. 2930394 — 21.15
Interdito a menores de 18 anos
MASSACRE

UNIVERSAL
T. 774402 — Às 15.00, 19.00, 21.00
Não acons. a menores de 13 anos
OS CAMARADAS
Um filme de Marix Karmitz
Às 17.00 e 23.00
GREVE OCUPAÇÃO
Não acons. a menores de 13 anos

CONDES
T. 322523 — 14.15, 16.30, 18.45 21.45
Para todos
A mais louca comédia do ano o grande espectáculo das férias
A MOSTARDA SOBE-ME AO NARIZ
c/ Pierre Richard - Jane Birkin

BERNA
T. 776098 — 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15
Interdito a menores de 18 anos
Charles Bronson
O JUSTICEIRO DA NOITE
Um filme de Michael Winner
Em 3.ª Semana

LONDRES
T. 801313 — 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
BREVE ENCONTRO
Com Sophia Loren, Richard Burton

ROXY
T. 48560 — 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
Richard Chamberlain, Trevor Howard
A VINGANÇA DE MONTE CRISTO
A figura heróica de uma história de gerações

TIVOLI
T. 570595 — 15.15, 18.30 e 21.15
Para todos
UMA ILHA NO TECTO DO MUNDO
Uma aventura para além da imaginação
5.ª Semana

ALVALADE
T. 897480 — 15.30, 18.30 e 21.15
Para todos
A MOSTARDA SOBE-ME AO NARIZ
Com Verna Lisi e Gastone Moschin
O grande espectáculo das férias

PATHÉ
T. 821933 — 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
Charles Bronson!
Juri jurado-executor
O JUSTICEIRO DA NOITE
Um filme de Michael Winner
3.ª Semana

NIMAS
T. 574362 — 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Para todos
Irmãos Marx em
UMA NOITE EM CASABLANCA
Riso dos bons velhos tempos

rádio

EMISSORA
1.º Programa

17.00 Música sul-americana
18.00 Música portuguesa
18.30 Temas sobre a condição de retornado
19.00 Música variada
20.00 Jornal da noite
20.30 Conjuntos instrumentais
21.00 Música variada
22.00 Programa do Emissor Regional do Norte — programa da noite
23.00 Programa da noite do Emissor Regional do Norte
00.00 Último jornal
00.30 Retrospectiva
01.00 Saída e encerramento dos Regionais do Porto, Norte 1, Coimbra, Faro, Guarda, Covilhã, Ciseu, Ponta Delgada e Horta — música na noite
02.00 Música na noite

2.º Programa

18.00 Música sinfónica
18.45 Concerto de câmara
19.00 Sinfonia n.º 3, em lá maior, de Cupis de Camargo
19.30 O gosto pela música, pelo dr. João de Freitas Branco
20.00 Árias de óperas, por Nicolai Geda
20.25 Música de câmara
21.00 Passagem do MF 2 a Estéreo — concerto pela Orquestra Sinfónica Nacional
22.29 Anúncio de despedida de Lisboa 2 e Norte 2
22.30 Música ligeira variada
24.00 Fecho

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Rádio Graça
Das **06.00** às **10.00** e das **14.30** às **17.00**

Rádio Peninsular
Das **10.00** às **12.00** e das **19.30** às **22.00**

Clube Radiofónico de Portugal
Das **12.00** às **14.30**

Rádio Voz de Lisboa
Das **17.00** às **19.30** e das **22.00** às **02.00**

Na PRAIA DE MONTE GORDO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no BEIRAL DAS ANDORINHAS

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

ADÓQUE
20.30 e 22.30 (18 anos)
«A CIA dos Cardeais»
CIRCO MARIANO
21.45
No Largo Martin Moniz
LAURA ALVES
20.30 e 22.45
«A Mão no Ar e o Pé Atrás!»
MONUMENTAL
20.30, 22.45 (18 anos)
«Lisboa acordou»
CAPITÓLIO
20.30 e 22.45
«Mostra-Me a Tua Piscina»
VARIEDADES
21.15 (13 anos)
«Adeu Valentina»
ABC
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Afinal Como É»
MARIA VITÓRIA
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Força, Força, Camarada Ze»
COLISEU
21.30 (6 anos)
O CIRCO DO NATAL
MARIA MATOS
21.30 (13 anos)
«Schweyk na II Guerra Mundial»
COMUNA - TEATRO DE PESQUISA
21.15
Os Cómicos em «A Noite dos Assassinos»
VASCO SANTANA
21.30 (13 anos)
«Trapos e rendas»

LISBOA/Cinemas

OLÍMPIA
21.15 (13 anos)
«Os Véus de Bagdad»
PARIS
21.15 (18 anos)
«Noite Árabes»
JARDIM
21.00 (18 anos)
«Arrefecido a 99º»
EUROPA
21.30 (13 anos)
«O Professor Nudista»
LUMIAR
21.15 (18 anos)
«A Trama»
CINE BOLSO
21.30 (18 anos)
«Núpcias de Porcelana»

LINHA DE CASCAIS

CASCAIS
Oxford
16.00 e 21.15 (18 anos)
«O Rally das Gozonas»
OEIRAS
Oeiras-Cine
21.00 (13 anos)
«Estado de Emergência»
ESTORIL
Casino
17.00 e 21.15 (18 anos)
«As Irmãs»

PORTO/Teatros

COLISEU
21.15 (6 anos)
«Festival de Circo»
SÁ DA BANDEIRA
21.15 (18 anos)
«Pascoal»

PORTO/Cinemas

VALE FORMOSO
21.15 (13 anos)
«Aáina»
ESTÚDIO
21.15 (6 anos)
«Onde se Meteu a 7.ª Companhia»
S.JOÃO
21.15 (6 anos)
«Uma Ilha no Tecto do Mundo»
OLIMPIA
21.15 (13 anos)
«2 Samurais para 100 Gueixas»
TRINDADE
21.15 (18 anos)
«Tommy»
CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos)
«Sopro no Coração»
ESTÚDIO FOCO
21.15 (6 anos)
«Isto é Espectáculo»
ÁGUIA DE OURO
21.30 (13 anos)
«Voluntários à Força»
JÚLIO DINIS
21.15 (13 anos)
«O Homem Orquestra»
BATALHA
21.15 (6 anos)
«Os Malucos vão à Guerra»
RIVOLI
21.15 (18 anos)
«A Vingança de Monte Cristo»
PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Os Caminhos do Prazer»

COIMBRA

TIVOLI
21.15 (13 anos)
«A Linda Pamela»
S. Teotónio
21.15 (13 anos)
«Cartas na Mesa»
AVENIDA
21.15 (18 anos)
«A Fúria do Desejo»
GIL VICENTE
21.15 (13 anos)
«Os Três Mosqueteiros»

BARES • BOITES
RESTAURANTES DIVERSÕES
DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13 T.elef. 364859/368197. Tina, Stripteaseuse**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. **T. 261461/164526/264596/264621/264946**

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 195, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO. SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

Custóias, Caxias: passagem de ano violenta

Continuação da pág. 6

. E mais adiante: «A paz social só se alcançará quando o usurpado deixar de o ser pela acção determinada e organizada do usurpado, conquistando a sociedade justa, a sociedade fraterna e a sociedade sem classes. Só através da acção organizada e esclarecida das massas exploradas se conseguirão materializar os votos de justiça, igualdade e fraternidade hoje proferidos. Só através da vontade e da iteligência, o Homem concretizará no futuro a esperança que anima hoje os corações. A palavra é de esperança, porque a luta continua. A vossa presença é certeza de futuro, é semente de paz, é fonte de justiça, é grito de liberdade. Para vós todos, amigos, que até aqui vieram prestar-nos solidariedade, o nosso abraço fraterno e agradecido com que envolvemos todos os combatentes de amanhã, quer estejam em Caxias, em Angola, Timor, Moçambique, Espanha ou outra qualquer parte do Mundo.»

Esta mensagem foi saudada com uma enorme salva de palmas por todos os manifestantes presentes em Custóias e encerrou a manifestação de solidariedade com os antifascistas presos em Custóias.

DETIDOS PASSAM A LIBERDADE CONDICIONAL

Segundo comunicado distribuído com data de 31 de Dezembro, pelo Q. G. da Região Militar do Norte, «passam à situação de liberdade condicional em 31 de Dezembro de 1975 os seguintes detidos: alferes João Manuel Roque Gomes, sargento ajudante Vítor Manuel Duarte, primeiro-sargento António Pereira da Costa, primeiro-sargento António Ribeiro de Sousa, primeiro-sargento Fernando da Silveira Augusto, furriéis milicianos José Carlos Lajes Guimarães e José Maria Valinhas do Nascimento, soldado António Luís Alves Nunes e civis Francisco José Valério Correia Romero e Viriato Manuel Jordão da Fonseca e Sousa.

Ontem (e disso também o Q. G. da R. M. N. deu informações em comunicado às redacções) todos os militares e civis detidos, «independentemente da sua situação de isolamento», foram autorizados a receber visitas de pais, filhos esposas e irmãos nos dias 31 de Dezembro e 1 de Janeiro.

COMUNICADO DA COMISSÃO DE LUTA DA P. M.

Durante a manifestação de ontem em Custóias foi distribuído um comunicado da Comissão de Luta do Regimento de Polícia Militar, em que se afirma nomeadamente: «A luta que hoje se trava em Portugal contra o fascismo e o imperialismo é uma luta cheia de sacrifícios. Unir e organizar o povo para a revolução é uma tarefa gigantesca, mas devemos ter sempre presente uma fé inquebrantável na justeza da luta do povo, que os fascistas são uma minoria parasita e que os explorados são a imensa maioria da população».

PETARDO CONTRA G.N.R.

Esta madrugada, cerca das 3 horas e 45, foi lançado um petardo para junto do portão de entrada do quartel na G. N. R. do Carmo, no Porto. O petardo foi lançado de automóvel, que passou, não identificado, e não houve quaisquer danos a registar.

Os acontecimentos de Caxias

Um contingente de oitenta «comandos», apoiado por nove «chaimites», dispersou ao fim da tarde de ontem, à coronhada e com tiros para o ar, a manifestação que decorria junto do Forte de Caxias de apoio aos militares presos após os acontecimentos de 25 de Novembro.

A concentração, que se iniciara cerca das 14 e 30, atingiu rapidamente o número de muitos milhares de pessoas, que, durante horas gritaram palavras de ordem tais como «a luta continua», a vitória é certa», «Portugal não será o Chile da Europa e «Aí está o M. F. A.».

Por volta das 15 horas um cordão de segurança da prisão, formado por elementos da G. N. R. e dos Comandos, disparou rajadas de G-3 para o ar com o intuito de dispersar os manifestantes que, contudo, não arredaram pé, continuando a gritar as palavras de ordem e a cantar hinos e canções de luta. Foi aprovada na altura uma moção exigindo a libertação dos militares.

Entretanto um membro da Comissão de Familiares dos Militares Revolucionários Presos informou a multidão de que se aguardava que os responsáveis do Forte de Caxias permitissem a visita de uma delegação que incluia elementos do Tribunal Russel, um dos quais deputado trabalhista do Parlamento britânico.

Pouco tempo depois, cerca das 17 horas, surgiram, vindos do lado da auto-estrada 9 «chaimites» transportando dezenas de comandos. Este terá sido chamado, segundo o Quartel-General, para reforçar o sistema de segurança da cadeia que, no entender daquela entidade militar, «estaria em risco», temendo-se um confronto com os manifestantes. Tal justificação não tinha, entretanto fundamento, pois, pelo que nos foi dado observar, nunca os manifestantes deram a ideia de pretender qualquer confronto ou até tentar «invadir a prisão». A sua presença ali tinha apenas como objectivo manifestar solidariedade aos citados militares.

O contingente de comandos após entrar no Forte, voltou, pouco depois, a pé, apoiado por trás, pelas «chaimites», e carregou sobre a multidão, pacífica, desarmada agredindo, indiscriminadamente homens, mulheres e crianças. Recorda-se que a Polícia de Choque dos tempos de Salazar e Caetano tinha, nalguns casos, o hábito de conceder prazos quando aparecia para dispersar os antifascistas. Ontem tal não aconteceu.

O Serviço de Informação da RTP difundiu por sua vez no Telejornal de ontem um curto filme sobre estes acontecimentos não tendo porém podido continuar a reportagem visto a câmara dos seus repórteres ter sido destruída pelos comandos.

Os representantes do Tribunal Russel convocaram para hoje à tarde, às 18 e 30, na Associação Guilherme Cossul, uma conferência de Imprensa para análise dos acontecimentos.

«A LUTA CONTINUA»

Entretanto na noite da passagem de ano concentraram-se, também, junto do Forte de Caxias, numerosas pessoas que quiseram estar, naquele momento, junto dos detidos por alegada implicação nos acontecimentos do 25 de Novembro.

Segundo a Anop, um dispositivo de segurança composto por forças dos comandos, da G. N. R. e de outras unidades impediu o acesso dos populares até junto dos muros da prisão, não pondo porém entraves ao desenrolar da manifestação. Do interior do Hospital anexo, um dos militares detidos — julga-se que o major Dinis de Almeida — falou para os populares agradecendo a sua presença e declarando-se confiante em que seria feita justiça a todos os militares presos pois, conforme disse, não tinham participado em qualquer golpe. O 25 de Novembro, explicou, fora antes uma manobra de direita destinada a afastar de postos chaves alguns militares do 25 de Abril.

O detido convidou ainda todos os revolucionários a manterem-se unidos e atentos às manobras provocatórias da direita. No final a multidão gritou em uníssono: «A luta continua»!

Recorde-se ainda que, nos acontecimentos de ontem à tarde, os manifestantes profundamente tocados pela brutalidade dos comandos chegaram a gritar: «greve geral».

FERIDOS

Tentamos junto dos hospitais saber a identificação dos feridos de Caxias, dois deles pelo menos transportados em ambulância e em estado grave. No hospital de S. José não tinham qualquer indicação.

Em contacto com o posto de Polícia que funciona junto ao banco do Hospital Santa Maria, foi-nos dito que «é natural que tenha entrado um ou outro ferido, procedente de Caxias, mas não sabemos ao certo».

— Então a Polícia não regista?

— **Sim, mas em conjunto. Não registamos caso por caso quando se trata de questões políticas.**

— Mas noutros tempos faziam isso.

— **Mas agora não. Não carecem de queixa...**

A guerra e a paz na mensagem do Papa

A paz foi o tema dominante da mensagem de Ano Novo de Paulo VI, que se dirigiu aos habitantes do mundo inteiro, e em particular aos cristãos, para assinalar o «IX Dia Mundial da Paz» celebrado a 1 de Janeiro de 1976.

O Papa chamou a atenção para os sinais de guerra que crescem em paralelo com as promessas de paz — nomeadamente o apetrechamento de armas nalgumas Nações que coincidiu com a Conferência de Helsínquia.

O pontífice referiu vários dos factores negativos que corroem a estabilidade da paz, e perguntou: «Poderemos chamar pacífico a um mundo radicalmante dividido por irredutíveis ideologias, que repartem entre si os Povos?»

«A civilização caminha no trilho de uma paz armada somente de um ramo de oliveira» — lembrou o chefe da Igreja Católica, que fez ainda um apelo à clemência, à misericórdia e à caridade entre bs homens.

Solidariedade estrangeira volta-se para a Reforma Agrária

«Estão criadas condições para que se lance uma ofensiva diplomática no sentido de conseguir para Portugal toda a solidariedade e todo o apoio que Portugal precisa» — disse esta manhã o capitão António da Silva Fernandes, no decurso duma conferência de Imprensa convocada pelo Comité Português para a Paz e Cooperação (C.P.P.C.) no Hotel Altis, em que participaram representantes de Comiés de Solidariedade para com o Povo Português de quatro países europeus: Bélgica (de expressão flamenga), Suécia, Finlândia e R.F.A.

Começou por falar o dr. Silas Cerqueira, que chamou a atenção para os diversos aspectos de que esta a revestir-se o movimento de solidariedade para com Portugal no estrangeiro. Salientou principalmente um dos aspectos mais recentes: a inflexão que o movimento está a ter, voltado para a Reforma Agrária.

O capitão Silva Fernandes resumiu as conclusões a que chegou uma delegação do C.P.P.C. que recentemente de deslocou a diversos países europeus em missão de informação. Em determinada passagem do seu discurso, criticou a «inépcia» e a «apatia» dos representantes de Portugal nos diversos países em relação aos movimentos de solidariedade que aí estão a desenvolver uma actividade assinalável.

Angola

Tropa sul-africana está de prevenção na fronteira Sul

Tropas sul-africanas foram colocadas em estado de prevenção ao longo de toda a fronteira entre Angola e a Namíbia. Um comunicado militar publicado em Pretória, anuncia que esta medida se deve a informações obtidas pelos serviços secretos sul-africanos os quais teriam detectado importantes concentrações de tropas do M.P.L.A. em diversos pontos do sul de Angola.

Estes movimentos militares estariam relacionados com uma grande ofensiva do M.P.L.A. contra as forças invasoras da África do Sul, da F.N.L.A. e da U.N.I.T.A., a desencadear nos próximos dias.

Estas notícias não lograram qualquer confirmação dos correspondentes estrangeiros estacionados em Luanda, nem das autoridades da República Popular de Angola. De acordo com as últimas notícias recebidas das frentes de combate, estas mantêm-se presentemente estacionárias não tendo havido qualquer aumento de pressão significativo nas ultimas horas. Apesar disso, não se exclui possibilidade de, em vésperas da «Cimeira» da O.U.A., o M.P.L.A. lançar ataques decisivos contra alguns pontos estratégicos.

CIMEIRA DA O.U.A.

Os preparativos para a «Cimeira» da Organização da Unidade Africana continuam, entretanto, a ser ultimados. Alguns dirigentes africanos, entre os quais o presidente Mobutu Sese Seko, do Zaire, anunciaram já a sua decisão de se deslocarem pessoalmente a Adis Abeba, à frente de delegações dos seus países. A decisão de Mobutu, cuja presença nesta reunião chegou a ser posta em dúvida, parece confirmar a possibilidade dos Estados Unidos terem conseguido convencer a maioria dos 46 países membros da O.U.A. a estarem presentes, como forma de contrabalançar a grande pressão a favor do M.P.L.A. que se espera seja feita pelas antigas colónias portuguesas e por um importante bloco de nações progressistas africanas. Segundo consta, um documento, condenando indiscriminadamente toda a intervenção estrangeira em Angola e exigindo a formação de um governo tripartido em Luanda, foi posto a circular entre as nações participantes, no sentido de obter a concordância da maioria, antes do início da «Cimeira». Sabe-se que a Guiné-Bissau, Moçambique e S. Tomé se recusaram a assinar tal documento.

CONGRESSO DA U.N.I.T.A.

Na cidade de Silva Porto, em Angola, numa zona controlada pelos mercenários estrangeiros que combatem o M.P.L.A., realizou-se, nos últimos dias, o Congresso anual da U.N.I.T.A., que este ano registou a participação de altos funcionários da F.N.L.A. As resoluções tomadas no decurso dos trabalhos são interpretadas como uma forma de apoio ao bloco pró-ocidental da O.U.A.

Com efeito, o Congresso pediu a retirada do país de todas as forças estrangeiras, englobando as sul-africanas, cubanas e do E.L.P., e insistiu na formação de um «Governo de União Nacional» envolvendo a U.N.I.T.A., F.N.L.A. e M.P.L.A.

No decurso dos trabalhos foi ainda examinada a situação da U.N.I.T.A. no campo militar, a qual é presentemente considerada como bastante crítica.

RECRUTAMENTO DE MERCENÁRIOS

Exilados cubanos nos Estados Unidos estão a ser recrutados como mercenários a fim de combaterem nas fileiras da U.N.I.T.A. Esta notícia foi divulgada em Miame por um cubano, veterano de invasão da Baía dos Porcos, José António Pratt.

Teatro Maria Matos
A RTP APRESENTA
«SCHWEYK NA II GUERRA MUNDIAL»
de Bertolt Brecht
com
RAUL SOLNADO
no protagonista
Todos os dias às 21.30 horas — Domingos «matinées», às 16 horas. Segunda-feira — Descanso da Companhia
Bilheteira Tel.: 897017
A.B.E.P. Tel.: 328823
Não aconselhável a menores de 13 anos

EXTERNATO SÉNECA
COOPERATIVA DE ENSINO E CULTURA
— PREÇOS MAIS BAIXOS —
Ciclo – Liceal – Computadores – Línguas
SALAS DE ESTUDO
MANHÃ • TARDE • NOITE
AV. ALMIRANTE REIS, 73 - 1.º E 2.º — LISBOA - 1
Telefone 4 00 92 (METRO ANJOS)